

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**ESTRUTURA DA INDÚSTRIA TÊXTIL-VESTUÁRIO
DE SANTA CATARINA (1999)**

Monografia submetida ao Departamento de Ciências Econômicas para obtenção de carga horária na disciplina CNM 5420 - Monografia

Por Sônia Rejane da Silva

Orientador: Dr. Renato Ramos Campos

Área de concentração: Economia Industrial

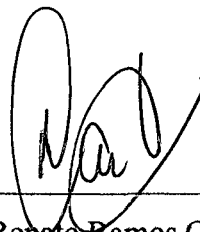
Palavras - Chave 1 – Indústria têxtil-vestuário Santa Catarina
 2 – Cadeia produtiva têxtil
 3 – Distribuição regional cadeia produtiva

Florianópolis, dezembro de 2000


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 8,5 à aluna Sônia Rejane da Silva na disciplina CNM 5420 - Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Renato Ramos Campos
Presidente



Prof. Dr. José Antônio Nicolau
Membro

Prof. Dr. Wagner Leal Arienti
Membro

AGRADECIMENTOS

Concluir este curso não significa apenas ver um sonho realizado, é sobretudo um momento de vida, marco de transformação. A caminhada até aqui não foi fácil, muitos foram os obstáculos, por isto me sinto vencedora. Mas seria injusto não compartilhar esta vitória com quem sempre me estendeu a mão.

Primeiramente agradeço a Deus, que independentemente das formas em que se manifesta, sempre está presente.

Agradeço ao corpo docente do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina e em especial ao orientador Renato Campos, aos professores Roberto Meurer, Idaletto Aued, Carmem Gelinski, Egon Martignago, Gilberto Montibeller, José Nicolau, Laércio Pereira, Nildo Ouriques e Sílvio Cário.

À professora Joanete, do Departamento de Matemática; aos professores Nelson e Yan, do Departamento de Ciências Sociais e ao professor Ney D'Avila, do Departamento de História.

Às amigas Eunice M. S. Leite e Nair C. Renúncio, que contribuíram definitivamente em todas as etapas do curso, fontes inesgotáveis de carinho e lucidez.

À minha família, que embora distante, sempre torceu pelo meu sucesso e felicidade, e em especial à minha irmã Sandrinha, pela qual tenho a maior admiração e carinho.

Ao amigo Adelino Renúncio, a quem serei eternamente grata.

À Adelita Pandini, Gisele M. Kersten e Rosane T. A. Campos, amigas que tantas vezes me ouviram e me incentivaram.

À Adriana de Souza, Marivânia Scremin e Maria de Fátima Maccarini, amigas com as quais aprendi muitas lições e guardo boas lembranças.

É impossível registrar aqui toda a minha gratidão, mas agradeço a todos aqueles que ao passar em minha vida deixaram um pouco de si, levando um pouco de mim.

*À minha filha Sophia,
pelo amor e carinho incontestáveis.*

*Às amigas, Nair e Eunice,
referenciais de lutas e conquistas.*

SUMÁRIO

SUMÁRIO	V
LISTA DE FIGURAS	VII
LISTA DE QUADROS	VIII
LISTA DE TABELAS	X
ANEXOS	XII
RESUMO	XIII
1 <i>INTRODUÇÃO</i>	02
1.2 Objetivos	05
1.2.1 Geral	05
1.2.2 Específicos	05
1.3 Metodologia	06
2 <i>CARACTERÍSTICAS GERAIS DO COMPLEXO TÊXTIL</i>	12
2.1 A indústria têxtil-vestuário	12
2.2 A cadeia produtiva têxtil	13
2.2.1 Fibras mais utilizadas pela indústria têxtil	14
2.2.1.1 Fibras naturais	14
2.2.1.2 Fibras químicas	15
2.2.2 O processo produtivo na fiação	16
2.2.3 O processo produtivo na tecelagem	18
2.2.4 O processo produtivo na malharia	19
2.2.5 O processo produtivo no acabamento	19
2.2.6 O processo produtivo na confecção	20
2.3 Os principais segmentos da indústria têxtil e do vestuário	22
2.3.1 Critérios para agrupamento das empresas que compõem o setor	22

3	<i>CARACTERÍSTICAS DA INDÚSTRIA TÊXTIL-VESTUÁRIO DE SANTA CATARINA</i>	25
3.1	A indústria catarinense	25
3.2	A participação da indústria têxtil	29
3.3	A estrutura da indústria têxtil-vestuário catarinense	34
3.3.1	O setor têxtil	34
3.3.1.1	Beneficiamento de fibras têxteis vegetais, artificiais e sintéticas, e de matérias têxteis de origem animal, fabricação de estopa, de materiais para estofos e recuperação de resíduos têxteis	35
3.3.1.2	Fiação, fiação e tecelagem, e tecelagem	37
3.3.1.3	Malharia e fabricação de tecidos elásticos	39
3.3.1.4	Fabricação de artigos de passamaria, fitas, filós, rendas e bordados	41
3.3.1.5	Fabricação de tecidos especiais - feltros, tecidos de crina, tecidos felpudos, impermeáveis e de acabamento especial	43
3.3.1.6	Acabamento de fios e tecidos, não processados em fiações e tecelagens ..	45
3.3.1.7	Fabricação de outros artefatos têxteis	47
3.3.2	O setor do vestuário	49
3.3.2.1	Confeção de roupas e agasalhos	49
3.3.2.2	Fabricação de chapéus	52
3.3.2.3	Fabricação de acessórios do vestuário - guarda-chuvas, lenços, gravatas, cintos, bolsas	54
3.4	A indústria por segmento	56
3.5	A indústria por região	59
5	<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	70
6	<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	73

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1	O Complexo têxtil	13
Figura 3.1	Complexos industriais do Estado de Santa Catarina (1998)	28

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.3	Mudanças no paradigma tecnológico	10
Quadro 2.3.1	Resumo das atividades econômicas da indústria têxtil	22
Quadro 2.3.1 a	Resumo das atividades econômicas da indústria do vestuário	23
Quadro 3.2.1	Comportamento do PIB catarinense setorial de 1990 a 1997	31
Quadro 3.4	Indústria têxtil-vestuário: segundo tamanho das empresas e número de empregados. SC.1999	58
Quadro 3.5a	Distribuição dos segmentos da indústria têxtil-vestuário - tamanho das empresas e número de empregados da região do Vale do Itajaí . SC.1999	63
Quadro 3.5b	Distribuição dos segmentos da indústria têxtil-vestuário - tamanho das empresas e número de empregados da região Norte . SC.1999	64
Quadro 3.5c	Distribuição dos segmentos da indústria têxtil-vestuário - tamanho das empresas e número de empregados da região Sul . SC.1999	65
Quadro 3.5d	Distribuição dos segmentos da indústria têxtil-vestuário - tamanho das empresas e número de empregados da região Oeste . SC.1999	66

Quadro 3.5e	Distribuição dos segmentos da indústria têxtil-vestuário - tamanho das empresas e número de empregados da região Grande Florianópolis . SC. 199967
Quadro 3.5f	Distribuição dos segmentos da indústria têxtil-vestuário - tamanho das empresas e número de empregados da região Serrana . SC.199968
Quadro 3.5.1	Grupos têxteis – segundo localização, segmento e número de empregados.SC. 199969

LISTA DE TABELAS

Tabela 3.2.1	Participação da indústria têxtil-vestuário na indústria de transformação catarinense – segundo tamanho de empresas para os anos selecionados.SC.....	32
Tabela 3.2.2	Participação da indústria têxtil-vestuário na indústria de transformação catarinense – segundo número de empregados para os anos selecionados.SC	33
Tabela 3.3.1.1	Distribuição das empresas de beneficiamento de fibras têxteis, de estopa e recuperação de resíduos têxteis – segundo localização, tamanho das empresas e número de empregados	36
Tabela 3.3.1.2	Distribuição das empresas de fição, fição e tecelagem, e tecelagem - segundo localização, tamanho das empresas e número de empregados	38
Tabela 3.3.1.3	Distribuição das empresas de malharia e fabricação de tecidos elásticos – segundo localização, tamanho das empresas e número de empregados	40
Tabela 3.3.1.4	Distribuição das empresas de fabricação de artigos de passamaria, fitas, filós, rendas e bordados – segundo localização das empresas e número de empregados	42

Tabela 3.3.1.5	Distribuição das empresas de fabricação de tecidos especiais – feltros, tecidos de crina, felpudos, impermeáveis e de acabamento especial – segundo localização das empresas e número de empregados	44
Tabela 3.3.1.6	Distribuição das empresas de acabamento de fios e tecidos, não processados nas fiações e tecelagens – segundo localização das empresas e número de empregados	46
Tabela 3.3.1.7	Distribuição das empresas de fabricação de outros artefatos têxteis segundo localização das empresas e número de empregados	48
Tabela 3.3.2.1	Distribuição das empresas de confecção de roupas e agasalhos – segundo localização das empresas e número de empregados	50
Tabela 3.3.2.2	Distribuição das empresas de fabricação de chapéus – segundo localização das empresas e número de empregados	53
Tabela 3.3.2.3	Distribuição das empresas de fabricação de acessórios do vestuário segundo localização das empresas e número de empregados	55
Tabela 3.5	Distribuição das empresas do setor têxtil em Santa Catarina. SC.1999	61
Tabela 3.5a	Distribuição das empresas do vestuário em Santa Catarina. SC.1999	62

ANEXOS

ANEXO 1	Divisão Regional e Microrregional de Santa Catarina	75
ANEXO 2	Classificação adotada pela FIESC com base no Código Nacional de Atividade Econômica do IBGE	76
ANEXO 3	Código Nacional de Atividade Econômica CNAE – IBGE	77

RESUMO

Santa Catarina possui um pólo têxtil significativo no contexto da indústria têxtil-vestuário brasileira, apresenta empresas importantes em todos os segmentos da cadeia produtiva.

É uma indústria classificada como tradicional e tem sua cadeia produtiva marcada pela descontinuidade das operações, o que a torna intensiva em mão-de-obra em algumas etapas e intensivas em capital em outras.

Neste trabalho procurou-se estudar como se apresenta a distribuição dos segmentos produtivos nas regiões catarinenses no final da década de noventa.

A estrutura desta indústria é conformada por inúmeras empresas de micro e pequenos portes, que se beneficiaram da sinergia promovida por grandes empresas e pelo relativo baixo volume de investimentos necessários ao seu desenvolvimento.

O segmento do vestuário, embora mais recente, é mais difundido no Estado enquanto que o têxtil é mais localizado. A concentração destes segmentos na região do Vale do Itajaí é acentuada, reafirmando a posição desta região como núcleo do pólo têxtil catarinense.

1 INTRODUÇÃO

Os padrões de concorrência nos anos noventa passaram por um acirrado processo de mudança pelo uso intensivo de novas tecnologias, baseadas nas tecnologias de informação e microeletrônica. A introdução dessas inovações acabou por resultar num significativo aumento da flexibilidade dos processos produtivos, que por seu turno, passou a ser uma nova exigência dos padrões de concorrência, acentuada pela globalização e de forma a atender mais rapidamente as metamorfoses da demanda (Garcia, 1998).

Assim como toda a indústria de transformação, a indústria têxtil-vestuário também buscou sua inserção neste novo modelo, cujos determinantes tradicionais da competitividade mudaram significativamente. Esta transformação exigiu investimentos significativos, associados a processos produtivos cada vez mais intensivos em capital, apresentando áreas de produção completamente automatizadas, eliminando um número cada vez maior de mão-de-obra, principalmente a não-qualificada (Mitelka *apud* Garcia, 1996).

No panorama mundial, a década de 50 é um divisor de águas do setor têxtil. Segundo Garcia (1998), o setor se limitava à fiação de fibras naturais e sua transformação em tecidos; a confecção de artigos do vestuário era praticamente manual. Para o autor, o grande determinante para a transformação deste cenário foi sem dúvida a incorporação de um novo padrão organizacional e tecnológico, através da difusão de novos processos e produtos, fazendo com que novas atividades fossem desenvolvidas, criando novos postos de trabalho, aumento na produtividade e, estabelecendo-se assim cada vez mais relações produtivas e comerciais, pois houve um alargamento da cadeia produtiva no que se refere à inclusão de segmentos industriais pertencentes a outros setores.

Frente a este intenso processo de mudança, as estratégias competitivas foram redefinidas, o quadro que vai se formando em busca da competitividade, exigiu novas posturas das empresas no que se refere à coordenação dos recursos produtivos, nas alterações das relações intra e interfirmas, diversificação das linhas de produtos, alterações nos tamanhos das plantas, acompanhados da forte tendência de desintegração vertical, que segundo Souza (1992), pode vir associada à especialização.

No Brasil o setor têxtil representa uma das primeiras atividades industriais, e pode-se dizer que foi um dos poucos países em desenvolvimento que internalizou todo o

processo produtivo, embora o desempenho deste setor seja bastante relevante no processo de industrialização de quase todos os países (Garcia, 1998).

Porém, o setor têxtil brasileiro se insere na defasagem tecnológica característica da industrialização do país; e é arrastado pelos moldes dos padrões internacionais instituídos dentro de um outro padrão tecnológico e assim desenvolvendo-se de forma desequilibrada e conseqüentemente sempre à margem do processo. Segundo Garcia (1998), este ponto ficou bastante evidente quando no período recessivo dos anos oitenta, com a forte contração da demanda interna, as grandes empresas nacionais se voltaram ao mercado externo e se depararam com um padrão internacional de concorrência muito avançado.

O Brasil apresenta aglomerações setoriais importantes da indústria têxtil-vestuário, e é inegável a sua importância para a economia nacional. Entre estas aglomerações, o Estado de Santa Catarina se destaca por apresentar um dos principais pólos têxteis do Brasil, a região do Vale do Itajaí, cujo núcleo localiza-se na cidade de Blumenau. A formação deste complexo no Estado está diretamente ligada à forte imigração alemã, mais intensivamente na segunda metade do século XIX, responsável pela estruturação das primeiras unidades produtivas (Bossle, 1988).

As empresas pioneiras Hering (1880), Karsten (1882) e Renaux (1892) e as do século XX, tais como: Cremer (1935), Teka (1936), Artex (1936), Sulfabril (1947), Dudalina (1957), Marisol (1964) e Malwee (1968) continuam sendo as mais importantes, são empresas de grande porte e com estrutura bastante sólida. A formação dessas grandes empresas foi um facilitador no surgimento de inúmeras empresas de micro, pequenos e médios portes, que viriam a se beneficiar da sinergia promovida em termos de conhecimentos e tecnologias difundidas e o relativo pequeno volume de capital necessário aos pequenos empreendimentos (Campos *et al* 2000).

Nos últimos anos, mesmo com a suposta estabilização da economia, o Brasil tem enfrentado problemas econômicos e políticos. Parte deles são reflexos da estratégia de crescimento com endividamento nos anos 70, aliada à crise do petróleo e o aumento das taxas de juros internacionais, que resultaram num significativo aumento da dívida externa do país. Com a escassez dos recursos externos, uma das saídas encontradas foi o estímulo às exportações, na tentativa de obter superávit comercial. Frente a este quadro, todas as atividades produtivas sofreram impacto em diferentes graus. Santa Catarina, embora também sob o efeito da crise, segundo a FIESC, alcançou melhores resultados do que a média nacional.

O início da década de noventa é marcado pela abertura abrupta às importações, com significativas reduções dos níveis de proteção e com apreciação da moeda nacional. Os segmentos mais vulneráveis foram os do vestuário e das fibras têxteis. São apontados como responsáveis pela pouca competitividade do setor o grau de verticalização, desatualização tecnológica - reflexo de poucos gastos em P&D, e reduzida utilização de técnicas modernas de gestão (Monteiro Bastos, 1993 *apud* Campos *et al*, 2000).

As alterações neste quadro começaram a partir da segunda metade da década de 90, com o aumento de importações de máquinas e equipamentos, que no período de 1994 a 1997 cresceram em torno de 45 % em relação ao período de 1989 a 1993 (Gorini e Martins, 1998 *apud* Campos *et al*, 2000).

1.2 Objetivos

1.2.1 Geral

Pretende-se apresentar os principais aspectos da estrutura da indústria têxtil-vestuário, identificando a existência de aglomerações setoriais e a distribuição da cadeia produtiva nas regiões catarinenses no final da década de 90.

1.2.2 Objetivos específicos

- Apresentar as principais características da indústria têxtil-vestuário em cada um dos seus segmentos,
- Verificar a estrutura industrial têxtil-vestuário, segundo o tamanho das empresas, número de empregados e a distribuição espacial.

1.3 - Metodologia

O principal banco de dados utilizado foi o Guia da Indústria de Santa Catarina, uma publicação da FIESC que agrega a relação das indústrias do Estado por ramo de atividade principal¹, com base no Código Nacional de Atividades Econômicas² (CNAE); contendo a razão social, CGC, endereços, telefone e número de empregados. Esta opção justifica-se pelo fato de ser a mais atualizada e disponível.

Na década de 80 havia um número bem maior de empresas cadastradas, no entanto foi abolido o sistema de manter um banco de dados não atualizado, sendo assim, o Guia da Indústria tornou-se um filtro das informações cadastrais, onde é atualizado à medida em que a própria empresa manifesta estas informações. A não manifestação pode ser dada pelo seu fechamento ou ainda pela falta de informação ou interesse, que segundo a FIESC, ocorre principalmente por parte das microempresas.

No segundo semestre de 1999, constavam 237 empresas do setor têxtil e 772 do vestuário³. Destas empresas, 63,71 % e 71,76 % respectivamente, foram analisadas neste trabalho. O critério utilizado para a amostra, excluiu as empresas com menos de 100 empregados que não haviam informado a atividade econômica secundária, as empresas com menos de 100 empregados que faziam parte dos grupos não especificados e não classificados. As empresas com mais de 100 empregados nesta situação permaneceram e foram realocadas (informações obtidas através de contato telefônico), para os grupos mais próximos quando possível, ou ainda apresentando-as a parte, como foi o caso das empresas que trabalham com material de higiene, cirúrgicos e descartáveis; foram ainda excluídas todas as empresas de calçados, que estão incorporadas ao setor do vestuário.

Outros órgãos públicos e o próprio Departamento de Estatística da FIESC, apresentam esta indústria com 4.000 empresas e 91.000 trabalhadores para o ano de 1998 e taxas de crescimento de 9,5 % e - 4,28 %, respectivamente, para o ano de 1999.

O critério utilizado para medir o porte da empresa foi a quantidade de empregados, considerando microempresa as que possuem até 19 empregados; pequena de 20 a 99 empregados; média de 100 a 499 e grande empresa com 500 ou mais empregados.

¹ A segmentação efetuada entre o setor têxtil e do vestuário encobre o fato de que muitas empresas integram diversas etapas da cadeia produtiva.

² O Código Nacional de Atividades Econômicas da indústria têxtil-vestuário está em anexo, assim como a classificação utilizada pela FIESC.

³ Este setor engloba também calçados e artefatos de tecido.

Os dados foram dispostos em dois grandes grupos: têxtil e vestuário. Em cada grupo é apresentada a segmentação setorial, disposta por município, indicando a microrregião a que pertencem e divididos entre as seis regiões catarinenses, onde é possível analisar o segmento em todas as regiões simultaneamente. É importante ressaltar que os dados foram computados por empresa, e não por grupo⁴ empresarial, o que pode superestimar a desconcentração. Por outro lado lembra-se que o objetivo é verificar a distribuição dos segmentos produtivos no território catarinense.

A estrutura destes setores é conformada por inúmeras empresas de micro e pequenos portes, o que leva à discussão da importância das pequenas indústrias locais para o desenvolvimento econômico. Para Schmitz (1997), esta é uma preocupação antiga, no entanto com a crescente abertura de mercados, mais acentuadas na década de 90, o que modifica ou amplia esta questão é o debate de como se dá a competição para fazer frente ao mercado externo (Schmitz, 1997).

Segundo o autor, para entender como se dá este processo um ponto deve ser ressaltado: a indústria de pequeno porte não deve ser tratada como um todo. Sua diversidade e suas diferenças são muito abrangentes, simplificar este tratamento não é conveniente.

A abordagem proposta é a de apresentar uma forma particular de organização industrial: as aglomerações de pequenas firmas (*clusters*), da qual surge o conceito de eficiência coletiva, definida por Schmitz como a vantagem competitiva derivada de economias externas locais e ação conjunta, que essas aglomerações poderiam proporcionar (Schmitz, 1997).

Segundo Schmitz (1997), as perspectivas de crescimento da indústria de pequeno porte nos anos 50 e 60 dividiam-se em duas correntes. Uma que acreditava que a substituição de importações daria conta de criar novas empresas e expandir as que já estivessem instaladas e a outra que questionava a oferta das empresas locais, argumentando a falta de espírito empresarial.

Porém, ao longo das décadas de 70 e 80 o que a realidade mostrava era que não havia problema quanto a oferta doméstica, pois mostrou-se crescente nos países com substituição de importações. Segundo o autor, havia ainda um espaço que era ocupado por empresas estrangeiras que dificultavam o acesso das pequenas empresas à tecnologia, à matéria-prima e também ao crédito. E quanto ao segundo argumento, também foi

⁴ Na amostra foi possível identificar a presença de alguns grupos de empresas. Estão apresentados na p. 69

descreditado devido a grande expansão do setor informal. Este setor não aparece simplesmente como único recurso à sobrevivência, estudos têm mostrado que uma parcela significativa possuía qualificações técnicas e na grande maioria associadas ao espírito empresarial.

Para Schmitz (1997), é muito mais interessante e útil, a metodologia desenvolvida para análise subsetorial do que uma abordagem de *cross section*, que cobre todos os tipos de pequenas empresas. Talvez a única desvantagem, ao tratar de ramos específicos, como ele mesmo aponta, seja a tendência de mitigar a busca de princípios gerais, categoria mais ampla e teorização.

Esta nova abordagem de Schmitz, tem como ponto de partida a distinção entre os produtores dispersos geográfica e setorialmente e os *clusters* de pequenas empresas. Pode-se dizer que a maior parte da pequena indústria rural enquadra-se na primeira categoria, onde seu crescimento está fortemente ligado à demanda da agricultura local, onde as perspectivas de economias de escala são pequenas; enquanto que a segunda categoria, que também leva em consideração tanto a concentração geográfica quanto a setorial, apresenta oportunidades para a divisão de trabalho entre as empresas, condições para a especialização e maiores possibilidades de ação conjunta.

A idéia pressupõe que há divisão do trabalho entre as empresas, tendendo a especialização e inovação, onde a principal arma desse tipo de articulação é a tentativa de elevar o nível de competitividade do setor como um todo, mesmo que os ganhos não sejam lineares.

A formação de *clusters* torna possível ganhos de eficiência que produtores isolados dificilmente conseguiriam alcançar, mas apenas uma vizinhança próxima com atividades setoriais afins, em si, não dá conta da eficiência coletiva.

Trata-se, porém, de um fator facilitador importantíssimo, quando não uma condição necessária, para vários desenvolvimentos subseqüentes (que podem, ou não, ocorrer): divisão do trabalho e especialização entre os pequenos produtores; fornecimento de seus produtos especializados em prazo curto e com grande rapidez; surgimento de fornecedores de matérias-primas ou componentes, maquinaria nova ou de segunda mão e peças sobressalentes; surgimento de agentes que vendem para os mercados nacional e internacional distantes; surgimento de serviços ao produtor especializados em questões técnicas, financeiras e contábeis; surgimento de uma aglomeração de trabalhadores assalariados dotados de qualificações setoriais específicas; e a formação de consórcios com vistas a tarefas específicas e de associações provedoras de serviços e

lobby para seus membros. Quanto mais esses elementos estiverem presentes, mais real se torna a noção de eficiência coletiva (Schmitz 1997, p.169 e 170).

O autor salienta a importância das relações de cooperação inter-firmas, no entanto não excluindo o caráter concorrencial que está envolvido, pois a noção de eficiência coletiva não exclui a existência de conflito e competição entre as empresas que formam o aglomerado, e é também produto de um processo interno que estará fortemente ligado às relações horizontais e verticais. Os conflitos tendem a ser maiores nas relações de integração horizontal do que nas verticais, pelo fato de haver uma maior concorrência entre os fornecedores.

Segundo Schmitz (1997), a idéia de que há ganhos com a formação de *clusters* é antiga em economia industrial e ele próprio se utiliza largamente da visão de Marshall a respeito dos distritos industriais. Essa idéia de propensão a ganhos derivados de aglomerações propõe as diferenças entre as economias internas e externas, que do ponto de vista Marshalliano, as economias internas seriam dependentes dos recursos dos estabelecimentos individuais, sua organização e da eficiência de seu gerenciamento, enquanto que as externas dependeriam do desenvolvimento geral da indústria (Marshall, 1920 *apud* Schmitz, 1997).

Um ponto importante é abordado por Schmitz (1997), e é bastante oportuno reproduzi-lo: embora os termos "distrito industrial" e "*cluster*" tenham grande proximidade, não são sinônimos, um distrito industrial é sempre um *cluster*, mas o inverso não é verdadeiro. O termo distrito industrial implica em haver uma divisão de trabalho entre as firmas e a existência de cooperação, enquanto que *cluster* se refere a uma concentração setorial e geográfica de firmas.

A experiência com a dinâmica dos distritos industriais, principalmente os italianos, ganhou bastante destaque no debate em torno da reestruturação industrial em âmbito internacional, que segundo Garcia (1996), esta forma de organização da produção apresentou um desempenho bastante significativo num momento em que a economia mundial, especialmente a dos países centrais, estava passando por um acirrado processo de reestruturação industrial.

Caracterizado pelas inovações tecnológicas ocorridas a partir de meados da década de 70, surge um novo paradigma tecnológico/organizacional (Freeman & Perez, 1988 *apud* Nakano, 1994), onde as novas formas de organização abandonam os princípios do modelo taylorista-fordista de produção - baseado na produção em massa de produtos

padronizados. "Um paradigma tecnológico se define pelo seu alcance maior, gerando novos conjuntos de produtos, serviços, sistemas e indústrias. E, introduzindo novos princípios e conceitos gerais, desencadeia direta ou indiretamente profunda reestruturação em todas as atividades produtivas e mudanças nas estruturas das organizações e no próprio comportamento humano" (Nakano 1994:11).

Algumas dessas mudanças são apresentadas no quadro 1.3, que é um comparativo entre as práticas que vão sendo abolidas e as que integram o novo modelo.

Quadro 1.3

Mudanças no paradigma tecnológico

Velho paradigma	Novo paradigma
<ul style="list-style-type: none"> • Intensivo em energia • Grandes unidades de produção e trabalhadores • Produto homogêneo de uma unidade de Produção • Padronização • <i>Mix</i> estável de produtos • Plantas e equipamentos especializados • Automação • Habilidades especializadas 	<ul style="list-style-type: none"> • Intensivo em informação e conhecimento • Redução no tamanho da produção e número de trabalhadores • Diversidade de produtos • <i>Customised</i> (dirigida ao cliente) • Mudanças rápidas no <i>mix</i> de produtos • Sistemas de produção flexível • Sistematização • Multi-habilidades, interdisciplinares

Fonte: Adaptação de Freeman & Oldman (1991) *apud* Nakano (1994).

Um traço comum frente a todo este processo de reestruturação industrial, é a busca pela maior flexibilidade, que implicará em ajustes, cujos efeitos se refletem não só no interior das unidades produtivas que os promovem, como também nas mais diversas formas de externalização.

Sendo assim, a indústria têxtil-vestuário catarinense constitui-se em um importante aglomerado industrial, cujas características podem vir a ser um facilitador para a promoção de ações conjuntas. Por esta ótica julga-se importante saber como estão distribuídos os segmentos produtivos desta indústria nas regiões catarinenses no final da década de noventa.

Este trabalho está estruturado da seguinte maneira: no primeiro capítulo estão explicitados a problemática do tema, o núcleo central e os objetivos do estudo proposto.

No segundo capítulo, são apresentadas as características gerais da indústria têxtil-vestuário, seus processos produtivos e os critérios para agrupamento das empresas por segmento.

No terceiro capítulo apresentou-se a origem e evolução da indústria têxtil em Santa Catarina, verificando as aglomerações setoriais e a participação da indústria têxtil-vestuário na indústria de transformação. O mapeamento dos segmentos foi feito com os seguintes indicadores: número de empresas, localização espacial e número de empregados.

2 CARACTERÍSTICAS GERAIS DA INDÚSTRIA TÊXTIL-VESTUÁRIO

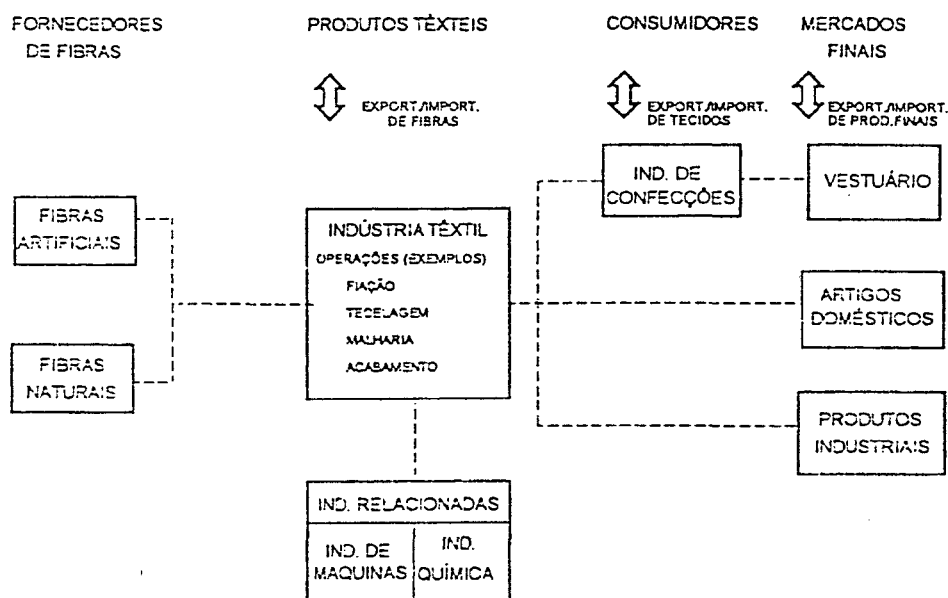
O objetivo deste capítulo é apresentar as principais características dos processos produtivos e os principais segmentos da indústria têxtil-vestuário, que serão considerados na análise dos dados.

2.1 A indústria têxtil-vestuário

A indústria têxtil-vestuário forma um complexo que associa também segmentos de outras indústrias. As relações inter-industriais que são promovidas são necessárias para a obtenção de elementos essenciais para sua produção, como pode ser visualizado na figura 1, e que se inicia na disponibilidade de fibras naturais e artificiais, nas máquinas e equipamentos que são produzidos para etapas específicas da produção, os produtos químicos tais como corantes, resinas para a fixação de estampas e outros componentes (Garcia, 1998).

Para o autor, é importante ressaltar que embora a indústria têxtil seja o núcleo deste complexo, não a exime de uma relação de dependência de seus fornecedores e consumidores, pois as inovações tecnológicas vêm incorporadas nos bens de capital e nas matérias-primas utilizadas, e esta relação será tão mais benéfica e produtiva quanto maior a proximidade e entendimento entre as partes.

Figura 2.1 O Complexo Têxtil



Fonte: Arpan e Toyne (1984) *apud* Garcia (1998).

2.2 A cadeia produtiva têxtil

Segundo Garcia (1998), a cadeia produtiva têxtil é marcada pela descontinuidade das operações produtivas, ponto comum aos diferentes segmentos do setor. E assim, produtos de uma etapa produtiva servem de insumo para etapas subseqüentes, até suprirem as necessidades finais de consumo.

Esta característica de descontinuidade entre as operações, torna algumas etapas do processo produtivo intensivas em mão-de-obra, no entanto a tendência das inovações tecnológicas é justamente reduzir fases da produção e promover a sua automação, conseqüentemente diminuindo a mão-de-obra empregada.

O início da cadeia se dá pela obtenção de fibras, que podem ser divididas entre naturais e químicas. A etapa seguinte é a produção de fio, e embora os fios de fibras naturais e artificiais sejam substitutos quase perfeitos, os processos produtivos para a sua obtenção são bastante distintos (Garcia, 1998).

Segundo o autor, a etapa seguinte é a produção de tecidos, que igualmente são obtidos através de processos distintos. Entre eles estão a tecelagem, malharia e a produção

de não-tecidos (agrupamento de camadas de fibras, unidas por fricção, costura ou colagem). A etapa final é a do acabamento do produto, que tem por finalidade atribuir-lhe conforto, durabilidade e propriedades físicas.

O setor do vestuário é o principal consumidor direto isolado da indústria têxtil, e a indústria de confecções passa a ser fundamental a partir do momento em que a moda desempenha papel de agregar valor aos produtos, conquistar novos clientes e aumentar o faturamento.

E assim se configura a trajetória dos principais processos produtivos da indústria têxtil, que serão abordados com mais ênfase nos próximos itens, onde também serão apresentados as fibras mais utilizadas pela indústria têxtil e o processo produtivo do vestuário.

2.2.1 Fibras Mais Utilizadas Pela Indústria Têxtil

As fibras mais utilizadas podem ser divididas entre naturais e químicas. Segundo Oliveira (1997), as fibras naturais podem ser de origem animal como por exemplo a lã e a seda; e vegetal, como o linho, o rami, a juta e o algodão, entre outras. As fibras químicas dividem-se entre as artificiais, quando produzidas a partir da regeneração da celulose natural, como por exemplo o raio viscose e o acetato; e as sintéticas, originárias da petroquímica, sendo as principais o poliéster, a poliamida (náilon), o acrílico, o elastano (lycra) e o polipropileno.

O consumo de fibras naturais é bastante significativo, no Brasil representa aproximadamente 65% do total e a média mundial encontra-se em torno de 50%. No entanto pode-se dizer que a introdução das fibras químicas foi revolucionária na indústria têxtil, aumentando significativamente a diversificação de produtos e progressivamente ganhando espaço no mercado, através de constantes aperfeiçoamentos tornando-as bem próximas das fibras naturais (Oliveira, 1997).

2.2.1.1 Fibras naturais

O início da cadeia produtiva têxtil se dá pelo beneficiamento de fibras naturais, para a produção de fios. O algodão é ainda a fibra mais importante e sua utilização é de extrema relevância para a cadeia têxtil, suas vantagens comparativas em relação às fibras químicas

sobressaem-se pelo conforto e ainda pelos aspectos ecológicos, uma vez que são fibras biodegradáveis (Garcia, 1998).

No Brasil, até a metade dos anos 80 foi expressiva a produção de algodão, que não só abastecia o mercado interno como também exportava. Mas, infelizmente, a cultura foi devastada pela praga do bicudo, pintando um novo quadro para a cotonicultura brasileira (Oliveira, 1997).

Para a autora, o início dos anos noventa já é marcado por uma significativa redução na produção brasileira, aumentando substancialmente as importações. A redução da produção implicou na redução da área plantada, ocasionando um expressivo êxodo rural.

Em relação às fibras naturais, a lã é a segunda mais produzida no Brasil, mas ainda assim, é pequena a escala de produção e de relativo baixo consumo, acompanhados da forte concorrência com sintéticos, como o poliéster e o acrílico. Quanto à seda, segundo Oliveira (1997), o Brasil é um dos maiores produtores mundiais de casulos verdes e fios, apresenta alta competitividade internacional e exporta praticamente toda a sua produção, no entanto as importações brasileiras de tecidos de seda têm crescido, mesmo que timidamente, pois este produto é considerado nobre, destinado a um segmento de maior poder aquisitivo, pois seus preços são bem superiores aos demais tecidos e praticamente inexistente a produção nacional de tecidos de seda.

Quanto ao linho, o Brasil não produz as fibras, toda matéria-prima é importada. É também um dos maiores consumidores mundiais de fios. A oferta nacional de derivados de linho é bastante concentrada, caracterizando uma estrutura de oferta nacional oligopolizada (Oliveira, 1997).

O Brasil apresenta ainda a cultura do rami, concentrada no Paraná, e da juta na Amazônia.

2.2.1.2 Fibras químicas

A partir dos anos setenta é sensível o aumento da produção de fibras sintéticas, praticamente houve uma troca de posição com as fibras artificiais por conta da redução de custos de produção e também por apresentar qualidade superior, que além de serem usadas

na indústria têxtil, abrangem segmentos como o de materiais médicos e de construção (Oliveira, 1997).

A indústria de fibras químicas é bastante intensiva em capital, necessitando de grandes investimentos em capacitação tecnológica, que são as principais barreiras à entrada para novas firmas. Este setor é estimulado pelo crescente número de fusões e incorporações entre empresas, visando o aumento da competitividade; traduzindo-se num setor cada vez mais concentrado, com poucos ofertantes. Segundo Oliveira (1997), os maiores produtores mundiais de fibras químicas ainda são os Estados Unidos, a Europa Ocidental e Extremo Oriente.

O Brasil apresenta o mesmo perfil da estrutura mundial, guardada as suas devidas proporções, são poucos ofertantes e as principais empresas do setor são filiais de multinacionais. Praticamente toda a produção é voltada para o consumo interno (Oliveira, 1997).

2.2.2 Processo produtivo na fiação

O processo produtivo na fiação varia conforme o tipo de fibra utilizada. Ao se tratar de fibras naturais, há o processo prévio de beneficiamento, que consiste na separação das fibras do seu material de origem, a limpeza superficial e o enfardamento. Segundo Garcia (1998), este processo é realizado geralmente por empresas especializadas, os cotonifícios, mas dependendo do tamanho e do grau de integração das empresas, pode se constituir em um departamento específico.

Já na fiação, este material é submetido a uma seleção, onde são analisadas as principais características: comprimento, espessura, resistência das fibras e grau de impureza. A seguir, vem o processo de fiação propriamente dito, no qual “as fibras são orientadas em uma mesma direção e torcidas de maneira a prenderem-se umas às outras por atrito, resultando em fios contínuos com diâmetro pré-determinado”(Garcia, 1998).

O desembaraçamento das fibras, após serem classificadas, se dá através da operação de três máquinas: abridores, batedores e cardas. Segundo Garcia (1998), a primeira etapa mistura o algodão de diversos fardos, deixando as fibras mais soltas, então o algodão assume formas de rolos de mantas de batedores, para seguir à operação de cardagem. Para o autor esta etapa é decisiva, pois é nela que se determina a qualidade do

fio, que na passagem do algodão pelas agulhas rígidas, completa a separação, limpeza e paralelização das fibras.

Outra etapa não menos importante é a finalização do processo, que segundo Garcia (1998), pode acontecer de duas maneiras. A primeira é a fiação de fio cardado, onde o algodão é enviado aos passadores com o objetivo de regularizar o material em peso por unidade de comprimento. A outra opção resulta em fios de qualidade superior, onde o algodão passa por juntadeiras, laminadeiras e penteadeiras, seguido da operação de limpeza e paralelização. Depois desta etapa, a operação é comum, onde há a estiragem e a paralelização das fibras (Garcia, 1998).

Segundo Espíndola (1999), o desenvolvimento tecnológico das máquinas necessárias à fiação é que determinarão o ritmo da produção, o nível de automação, a relação homem/máquina e acima de tudo, é capaz de promover profundas transformações no emprego ou na qualificação do trabalhador.

A partir de meados da década de 80 é possível verificar transformações tecnológicas significativas neste processo, que segundo Espíndola (1999), se inicia nos países centrais e em alguns tigres asiáticos.

Na sala de abertura, as operações contêm dispositivos eletrônicos de controle; as cardas têm processo de alimentação automática e máquinas de mistura de fardos de matéria-prima, controles eletrônicos para medir e regular o peso por unidade de comprimento da mecha produzida; as passadeiras utilizam auto-reguladores e a troca dos vasos é automática; as maçaroqueiras adquiriram mais velocidade, mas passaram a ser eliminadas, com a introdução dos filatórios Open-End. Estes passaram por transformações radicais: de anéis e fusos para rotores; de uma velocidade de 18 mil r.p.m. (anos 60) para 80 mil r.p.m. e até 100 mil (com algodão de boa qualidade e rotores de 32 mm, com título acima de 30), nos anos 80 e 90; contêm dois robôs acoplados ao filatório para realizar a emenda do fio e troca dos conicais; o operador (ou ajudante) realiza apenas as operações de carregamento da estação de carga, ... Tem ainda um computador a bordo que dá as informações sobre a quantidade e qualidade produzidas (Espíndola 1999, p.91).

Para Espíndola (1999), este processo possibilita menos descontinuidade na produção, reduzindo o número de etapas e de máquinas (maçarokeira, retorcedeira e conicaleira) e os fios são formados pela ação centrífuga, ao invés do fuso e elimina as impurezas da fibra e dá mais uniformidade ao fio, gerando uma larga vantagem sobre a fiação convencional.

Ao se tratar das fibras químicas, a “fiação” pode ser definida em duas etapas. A extrusão e a solidificação. De acordo com Garcia (1998), a primeira é uma operação onde uma substância pastosa é pressionada através das ffeiras. Os filamentos, produto desta operação, passam para a segunda etapa, onde são endurecidos pelo processo de solidificação e seguido pelo estiramento das fibras.

Ainda há a possibilidade de tratamentos especiais para as fibras químicas, com o objetivo de alterar algumas características. Um processo bastante difundido é a texturização, que segundo Garcia (1998), é usado para meias e malharias em geral.

2.2.3 Processo produtivo na tecelagem

O processo de tecelagem vem se modernizando com o incremento de novas tecnologias, oferecendo maior rapidez ao processo e aumentando a qualidade dos tecidos. Os tipos de matéria-prima e tear empregados definirão a sequência das operações para cada tipo de tecido. Ainda é necessária a programação da padronagem, através do desenho na armadura ou cartela, para depois preparar os rolos de urdume e combinar os fios (Espíndola, 1999).

Segundo Garcia (1998), o emprego de teares com lançadeira, que são os teares convencionais, chamados de primeira geração, podem dividir o processo produtivo em três fases: a preparação, a tecelagem e a inspeção do produto final.

Estes teares estão sendo substituídos por teares sem lançadeiras, que são classificados em segunda geração – projétil e pinça, e os de terceira geração - jato de ar e jato de água. Para Gorini (1998), esta substituição não se dá apenas pela baixa velocidade dos teares com lançadeira, mas também pelo fato de possibilitar tecidos com maior largura (180 cm), que está sendo uma exigência das grandes empresas confeccionistas para melhor aproveitamento do corte de tecidos.

Para Espíndola (1999), uma outra tecnologia bastante difundida a partir dos anos 80 é a passagem da programação de picotagem manuais da cartela para o uso do sistema CAD/CAM, uma programação computadorizada de desenhos, onde sua utilização é automática para o setor de urdume e pela máquina de tecelagem.

2.2.4 Processo produtivo na malharia

Neste processo não há a necessidade de preparação prévia do fio. Segundo Gorini (1998), é utilizado um único conjunto de fios que se ligam através de laçadas, fazendo com que os tecidos de malha apresentem maior flexibilidade e elasticidade do que os planos.

O processo da malharia pode ser ainda classificado em malharia por trama (entrelaçamento horizontal), que usa os teares retilíneos e circulares; e a malharia por urdume (entrelaçamento longitudinal), que utilizam as máquinas tipo *Kettenstuhle*, mais indicadas para a produção de tecidos lisos para roupas íntimas, tecidos elásticos, forros, veludos e tecido para toalhas de mesa e *Raschel*, usadas para produção de tecidos lisos e rendados (Gorini, 1998).

2.2.5 Processo produtivo no acabamento

Este processo é bastante fragmentado, envolvendo várias etapas, como a preparação, tingimento, impressão e o acabamento, propriamente dito. Segundo Garcia (1998), na primeira etapa são retiradas as impurezas do tecido cru (sem tingimento), onde também é verificado a existência de defeitos nos tecidos ou nos fios, como por exemplo: nós, manchas, rupturas e falhas. Depois os tecidos serão alisados e terão suas pontas eliminadas; estes procedimentos facilitarão o tingimento, tornando os tecidos mais brilhantes e permeáveis aos corantes. Para tecidos que receberão cores claras, ainda pode ser feito o alveijamento.

Segundo Espíndola (1999), nesta etapa ainda podem ocorrer as seguintes operações: engomadeira (aplicação de substâncias adesivas para evitar o esgarçamento das fibras); desengorduramento e lavagem (para eliminar óleo e outros componentes) e mercerização (processo para dar aspecto brilhante e sedoso, e aumentar a resistência do tecido).

Na etapa do tingimento, os tecidos recebem os corantes, evidentemente, e segundo Garcia (1998), ainda podem adquirir outras características, como impermeabilidade e maciez, depois são encorpados e conduzidos ao processo de secagem, onde terão a largura final fixada. Três tipos de máquinas são utilizadas na tinturaria, sendo possível a programação e controle microeletrônicos: “uma máquina de agulha (ou jato), em que o

banho é injetado no tecido por uma bomba; e duas máquinas de banho circular: o Jigger – uma tina com dois cilindros e movimentos de ida e volta; o Foulard, onde o tecido é tingido de forma contínua e, depois, espremido entre rolos. A fixação do corante é realizada pela ação do calor, num vapor de 100 graus e duração de 2 a 3 minutos” (Espíndola 1999, p.93 e 94).

Ainda é na fase do acabamento que ocorre a impressão, que através de várias técnicas possibilita a estamparia dos tecidos. E, finalmente, o acabamento propriamente dito, onde os tecidos receberão tratamento de aplicação de resina, silicone, parafina, evitando assim que o tecido encolha ou amarrote, e ainda, aumentando a sua resistência (Espíndola, 1999).

Para Espíndola (1999), além dos avanços tecnológicos incorporados nos processos de acabamento, o que se verifica é que há grandes mudanças no emprego de produtos químicos, que aumentaram sua qualidade e reduziram o seu uso. Considerando ainda que os avanços pertinentes aos segmentos de fiação e tecelagem, implicam no acabamento praticamente definitivo do fio e do tecido, acredita que a primeira parte do acabamento – a preparação - tende a ser eliminada.

Este segmento é de extrema importância por definir a qualidade final do tecido, com precisão das cores e da padronagem. É dependente da qualidade das fibras, dos corantes e dos equipamentos utilizados. Constitui-se também um segmento de significativa periculosidade, pois trabalha com agentes químicos, caldeiras, vapor, altas temperaturas e exalação de odores (Espíndola, 1999).

2.2.6 Processo produtivo na confecção

Para Garcia (1998), a indústria do vestuário é a mais tradicional e a principal consumidora isolada de produtos têxteis, que além dos tecidos utiliza também fios, linhas, rendas, entretelas, entre outros artefatos têxteis. Segundo o autor, o processo produtivo na confecção pode ser dividido em quatro grandes etapas, que se inicia na concepção do produto, pré-montagem, montagem e acabamento.

Para conceber e desenvolver um produto, é primordial que sejam analisados a tendência da moda e o gosto dos consumidores do público alvo. Após estas considerações, o processo começa com o desenho, a definição das formas, a confecção de um modelo

experimental, o desenvolvimento de um molde padrão e a pré-determinação das fases subseqüentes e das matérias-primas que serão utilizadas (Garcia, 1998).

Na pré-montagem, segundo Garcia (1998), quatro operações são realizadas: a inspeção, classificação e armazenamento dos rolos de tecidos, construção de peças-padrão individuais para cada tamanho a ser produzido, depois este molde padrão é passado para uma folha de papel, para ser o guia no corte de cada componente da peça de roupa, que é feito em camadas múltiplas de tecido.

A montagem consiste na costura destes componentes, formando um peça única, para depois seguir ao acabamento onde as peças serão passadas, dobradas e embaladas (Garcia, 1998).

2.3 Os principais segmentos da indústria têxtil-vestuário

Tendo como base o Código Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), apresentamos a estrutura da indústria têxtil-vestuário, segundo os segmentos produtivos que a compõem.

2.3.1 Critérios para agrupamento das empresas

O setor têxtil representa a atividade industrial principal e é dividido em segmentos que abrigam as diferentes atividades empresariais, como pôde ser verificado no quadro 2.3.1.

Quadro 2.3.1 - Resumo das atividades econômicas da indústria têxtil

TÊXTEL
Beneficiamento de fibras têxteis vegetais, artificiais e sintéticas, e de matérias têxteis de origem animal, fabricação de estopa, de materiais para estofos e recuperação de resíduos têxteis
Fiação, fiação e tecelagem, e tecelagem
Malharia e fabricação de tecidos elásticos
Fabricação de artigos de passamaria, fitas, filós, rendas e bordados
Fabricação de tecidos especiais - feltros, tecidos de crina, tecidos felpudos, impermeáveis e de acabamento especial
Acabamento de fios e tecidos, não processados em fiações e tecelagens
Outros artefatos têxteis

Fonte: Santa Catarina. Federação das Indústrias do Estado de SC - Fiesc, 1999.

Há ainda o agrupamento que engloba as empresas de fabricação de outros artefatos têxteis produzidos nas fiações e tecelagens, que não são classificados nem especificados. Na amostra analisada procurou-se fazer uma aproximação destas empresas, realocando-as em segmentos já existentes ou apresentando-as à parte, quando não se enquadraram em

nenhum segmento classificado, como foi o caso de empresas de material de higiene, cirúrgicos e descartáveis. Foram feitos contatos telefônicos e apenas as empresas com mais de 100 empregados foram consideradas.

Igualmente estende-se a classificação ao setor do vestuário⁵ apresentado no quadro 2.3.1a.

Quadro 2.3.1 a - Resumo das atividades econômicas da indústria do vestuário

VESTUÁRIO E ARTEFATOS DE TECIDOS
Confecção de roupas e agasalhos
Fabricação de chapéus
Fabricação de acessórios do vestuário - guarda-chuvas, lenços, gravatas, cintos, bolsas

Fonte: Santa Catarina. Federação das Indústrias do Estado de SC - Fiesc, 1999.

Há o segmento de confecções de outros artefatos de tecido não especificados ou não classificados - exclusive os produzidos nas fiações e tecelagens, que na amostra não apresentou nenhuma empresa com mais de 100 empregados, optando-se pela sua exclusão, a fim de caracterizar melhor cada segmento analisado.

Os agrupamentos das atividades econômicas serão distribuídos nas regiões⁶ catarinenses onde se apresentam, possibilitando traçar o perfil atual (1999) destes setores.

A indústria têxtil-vestuário catarinense é marcada pela presença de empresas dos mais variados portes e por segmentos distintos. Os segmentos de malharia e de cama, mesa e banho são os mais difundidos. Em ambos, a principal matéria-prima utilizada é a fibra de algodão (Garcia, 1996).

Essa especialização em tecidos de algodão é sem dúvida um diferenciador destas indústrias locais e também um fator facilitador para as exportações, onde a concorrência internacional é mais acirrada no segmento de tecidos sintéticos, segundo o autor.

No setor do vestuário, que é o principal consumidor direto isolado do setor têxtil, há a participação de um grande número de empresas, principalmente de micro e pequeno portes, que atuam principalmente na confecção de roupas de malhas, como camisetas,

⁵ Todas as empresas de calçados foram excluídas da amostra.
⁶ Ver anexo da distribuição regional e microrregional de Santa Catarina. O Estado é dividido em 6 regiões, 20 microrregiões e 293 municípios, segundo IBGE.

agasalhos e pijamas. Mais recentemente, a região Sul desponta com uma significativa participação em jeans (IEL/IAD).

No segmento de cama, mesa e banho, há uma forte concentração da produção, envolvendo empresas de grande porte, na região do Vale do Itajaí. "Essa ausência das pequenas empresas se deve ao fato de que o avanço tecnológico, tanto em termos de incremento da velocidade das máquinas e de eliminação de algumas etapas do processo, como na adoção de dispositivos microeletrônicos, foi responsável pela elevação da escala de produção e das barreiras à entrada, com ganhos significativos de flexibilidade" (Garcia, 1996:29).

O grau de integração vertical das empresas têxteis ainda é bem acentuado, inclusive algumas empresas têm aumentado-o nas áreas de fiação e tingimento. No vestuário verifica-se a tendência de desverticalização (IEL/IAD).

Segundo a mesma fonte, uma das explicações para o alto grau de integração vertical, é o ambiente em que as empresas se deparavam na época da substituição de importações. Não havia garantia na qualidade e pontualidade dos fornecedores e fábricas, o ambiente macroeconômico instável, as altas taxas de inflação e a demanda incerta, são fatores que instigaram o aumento do grau de integração vertical das empresas. Neste quadro a lógica de cooperação e de ação coletiva estava muito longe.

3 CARACTERÍSTICAS DA INDÚSTRIA TÊXTIL-VESTUÁRIO DE SANTA CATARINA

O cenário da economia catarinense é marcado pela sua distribuição espacial harmônica, onde os diferenciais naturais, econômicos e culturais, fazem com que haja uma participação significativa de todas as regiões. Considerando a importância da indústria de transformação, não só pela sua representatividade, mas também pelo fato de agregar a indústria têxtil-vestuário, que formam o objeto do estudo proposto, serão apresentados a seguir alguns dados referentes à participação deste complexo na estrutura da indústria catarinense.

3.1 A indústria catarinense

Na sua fase colonial, Santa Catarina não se enquadrava nos moldes do setor dinâmico do comércio exportador brasileiro. O papel desta província concentrava-se no papel de “área de segurança”, transformando o litoral catarinense em ponto estratégico-militar. Foi também área de passagem de gado que se deslocava do Rio Grande do Sul para São Paulo. Na agricultura destacava-se a produção da farinha de mandioca, cultura nativa, de baixa competitividade, por se tratar de um produto difundido na maior parte do Brasil. A colonização não se identificava com a agricultura, mas sim com a pesca. E este cenário estendeu-se até aproximadamente 1850 (Bossle, 1988).

Com a chegada dos novos imigrantes, principalmente alemães e italianos, este cenário começa a mudar. Tanto pela ampliação do mercado local, quanto pelo aumento da demanda de mão-de-obra, aos poucos começa haver a separação das atividades artesanais das agrícolas. Essa leva de imigrantes foi de vital importância para o desenvolvimento do comércio e a da futura indústria; pois traziam em sua bagagem conhecimentos técnicos e empresariais, primeiramente os alemães seguidos dos italianos. O crescimento populacional diretamente ligado a imigração foi sem dúvida um dos determinantes no incremento da futura indústria (Filho, 1986).

A maior concentração de imigrantes estabeleceu-se no Vale do Itajaí e Nordeste do Estado, justamente onde a indústria têxtil é mais desenvolvida. Enquanto os italianos

voltavam-se para a agricultura, dirigindo-se aos campos, os alemães estabeleceram-se nas regiões mais centrais das colônias e seus arredores, numa perspectiva de empreendimentos industriais. Os alemães agruparam-se principalmente às margens dos Rios Itajaí e Cachoeira, fundando os principais centros econômicos e comerciais: Blumenau e Joinville. Os italianos, instalaram-se na Bacia do Rio Itajaí, espalhando-se pelos Vales dos Rios Tijucas e Luís Alves. Outros grupos de italianos formaram suas colônias no Vale do Rio Tubarão, Urussanga e Araranguá (Bossle, 1988).

O capital industrial local deriva do comércio de importação e exportação, aliados às experiências empresariais trazidas pelos imigrantes, de seus países de origem, pois muitos já tinham sido industriais na Alemanha ou já tinham experiência como artesãos, sempre mantendo contatos com o exterior, recebendo orientações e importando as primeiras máquinas. A colonização alemã constitui fundamento importante do processo de industrialização catarinense, que a partir da industrialização européia, trouxeram a experiência, a divisão social do trabalho e a capacidade empreendedora que sempre permeou essas colônias.

A farinha de mandioca ocupava o primeiro lugar na pauta de exportação em 1854-1855, o que representava aproximadamente 48,40% do total das exportações, seguido da madeira com 23,80%. Posteriormente os produtos de destaque, serão oriundos das áreas colonizadas pelos novos imigrantes: erva-mate em Joinville e madeira em Itajaí. O norte do Estado se configurava pela representatividade econômica e o Sul, pelo predomínio açoriano, permanecia com técnicas rudimentares e a monocultura (Bossle, 1988).

A transformação qualitativa mais importante para um salto da economia catarinense foi a introdução da energia elétrica que em Blumenau e Joinville ocorreu em 1909 e em Brusque em 1913, promovendo a generalização do emprego do vapor em substituição à energia humana e hidráulica (Cunha, 1992).

Segundo o autor, a energia elétrica foi o principal fator que impediu um crescimento mais rápido na economia catarinense. Em 1962 o consumo *per capita* de energia no Estado atingia uma média de 137 kwh, enquanto a média nacional era de 290 kwh e a paulista 707 kwh.

Nos anos 70 completa a integração no Estado, que se iniciou na segunda metade da década de 50 com as Rodovias Federais BR 116 e 101, através das comunicações entre o litoral e o planalto, incrementando o intercâmbio econômico. Em 1972, as exportações têxteis catarinense atingiram o valor de 77 milhões de dólares, enquanto que em apenas

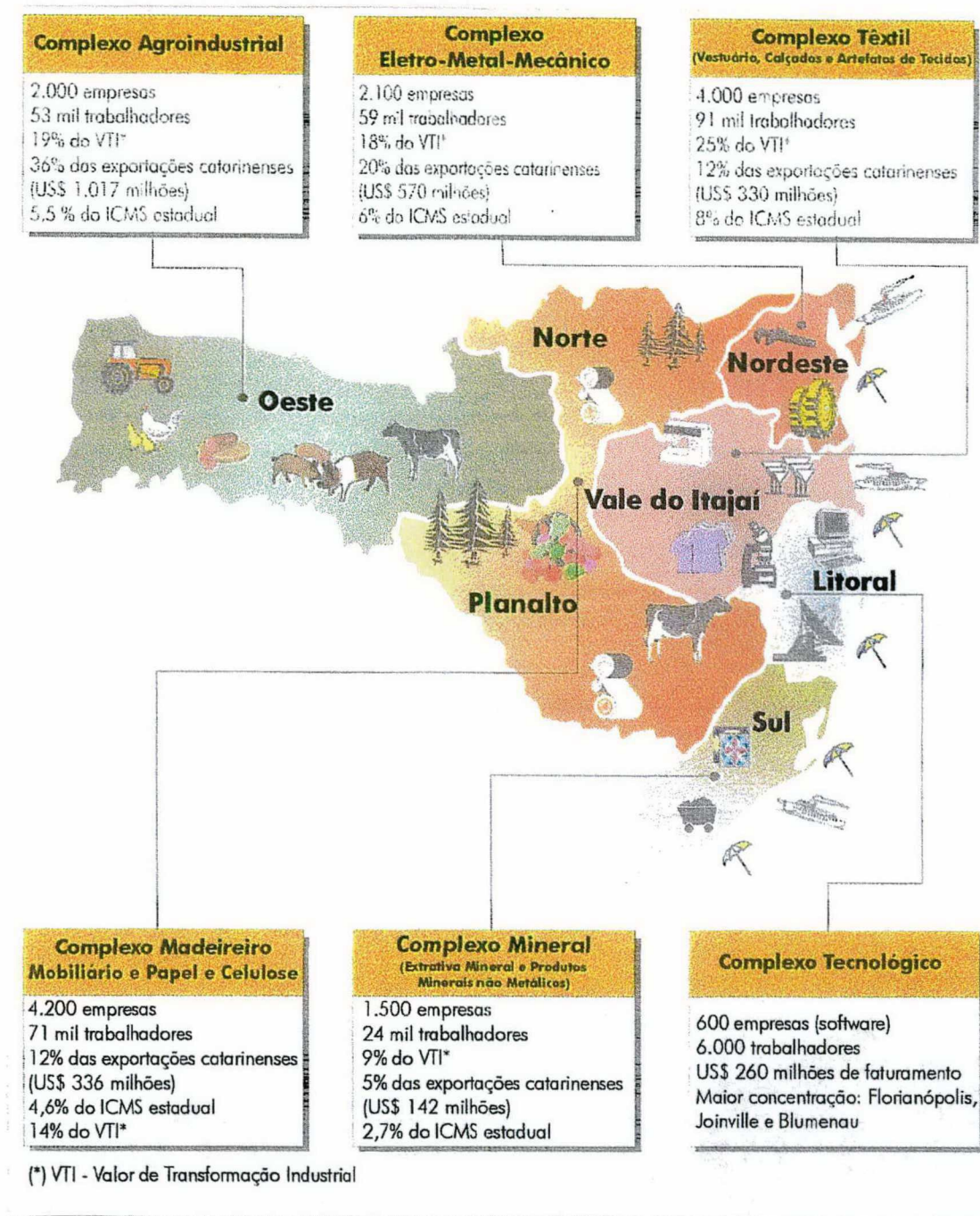
sete anos mais tarde, em 1979 atingiram 529 milhões. Nesta época ocorre a forte expansão e diversificação das empresas familiares (Atlas do Estado).

Nos anos 80, a empresa têxtil catarinense já aparece como competitiva, segundo a mesma fonte. No entanto a crise de 1981 a 1983, teve grande impacto na economia catarinense, assim como em todo o conjunto nacional, provocando desemprego, queda de salários reais, concordatas, falências e fusões que fortaleceram os grupos financeiramente mais sólidos.

O Estado consta com aglomerados industriais importantes, o que lhe conferiu o título de quinto maior exportador do País. Em 1998, SC exportou nada menos que 2,6 bilhões de dólares, representando 5,1% da pauta das exportações brasileiras. (Ford p. 5)

O parque industrial catarinense pode ser dividido em seis grandes complexos industriais, com características próprias e bastantes distintas como pode ser visualizado na figura 3.1, onde a distribuição espacial, faz com que todas as regiões participem significativamente na formação do produto interno estadual.

Figura 3.1 - Complexos Industriais do Estado de Santa Catarina, 1998.



Fonte: Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina, 1998.

O Complexo Agro-Industrial situa-se na região oeste do Estado, e é voltado principalmente ao abate de suínos e de aves. As outras atividades agrícolas e industriais são orientadas ao apoio deste segmento produtivo. É um complexo industrial muito significativo para a economia catarinense, em 1997 foi responsável por 36% das exportações (FIESC).

As regiões norte e planalto constituem o Complexo Madeira, Mobiliário e Papel e Celulose. A base econômica destas regiões está voltada à criação de bovinos e à extração de madeiras. Em 1997, as exportações de papel, madeira e mobiliário somaram 12% das exportações do Estado, segundo a mesma fonte.

Na região sul localiza-se o Complexo Mineral em função das jazidas de carvão, caulim e argila. Esta região é responsável por 60% da produção nacional de carvão mineral e o caulim e argila são as matérias-primas para a indústria de pisos e azulejos, altamente desenvolvida na região (FIESC).

A região do Vale do Itajaí constitui o núcleo do Complexo Têxtil Catarinense, integrado pelos setores de vestuário, calçados e artefatos de tecidos. Segundo dados da FIESC, em 1997 as matérias têxteis responderam por 12% das exportações catarinenses.

A região nordeste abriga um parque industrial diversificado, sob a liderança do Complexo Eletro-Metal-Mecânico. Destacando-se ainda as indústrias de material de transporte e de matérias plásticas.

O litoral abriga o Complexo Tecnológico, onde é mais concentrado nas cidades de Florianópolis, Joinville e Blumenau. Nele são desenvolvidas atividades de pesquisa nas áreas de automação, mecaoptoeletrônica, telecomunicações, eletroeletrônica, mecânica de precisão, informática, novos materiais, engenharia biomédica e serviços tecnológicos.

Segundo estudo sobre a competitividade sistêmica (IEL e IAD)⁷, a indústria catarinense é privilegiada pela concentração de setores em pólos industriais, que seria um fator propiciador em busca da eficiência coletiva.

Segundo Sabóia (2000), em estudo recente acerca das aglomerações industriais especializadas no Brasil, verificou que tais aglomerações não incidem em segmentos mais modernos da indústria brasileira, como mecânica, material elétrico de comunicação e material de transporte, sendo constatadas em setores mais tradicionais da indústria.

3.2 A participação da indústria têxtil

A indústria têxtil se configura em um dos setores mais tradicionais da estrutura industrial, sua expansão não ocorreu de forma linear, experimentou ciclos de crescimento e retração. No Estado catarinense não foi diferente, em 1991, a indústria de transformação

⁷ IEL - Instituto Euvaldo Lodi de Santa Catarina e IAD - Instituto Alemão de Desenvolvimento.

constava com 39.561 estabelecimentos, onde 1.333 eram do setor têxtil e 11.399 do setor de vestuário, calçados e artefatos, sendo que em 1993 as taxas de decrescimento para a indústria de transformação chegaram a alcançar 69,67 %; o setor têxtil 66,47 % e vestuário, calçados⁸ e artefatos, 74,88 % (tabela 3.2.1).

Segundo Espíndola (1999), estas oxilações do setor têxtil possuem características próprias e distintas. Na fase de expansão crescem moderadamente ou em torno da média das demais indústrias, ao passo que em épocas de crise é mais vulnerável que a dos setores de consumo de necessidades básicas, mas é menos negativa que aos bens duráveis e ainda menos negativa que a dos bens de capital. Segundo o autor este é o desempenho que se observa do setor têxtil ao longo da industrialização brasileira.

Entre as estratégias defensivas da indústria, como redução de custos, repasse dos custos financeiros para os preços, houve também a redução de pessoal, que na indústria de transformação, entre 1991 e 1993, representou um decrescimento de 6,24 %, impactando fortemente no setor têxtil -31,82 % (tabela 3.2.2).

Em 1991, empresas com até 10 empregados, segundo o porte, eram classificadas como micro. Neste período, 92,42 % da indústria de transformação apresentava empresas deste porte e empregava apenas 8,15 % da mão-de-obra. A grande maioria da indústria têxtil também delineava este perfil, eram 86,35 % de microempresas absorvendo 1,56 % de empregados. Já em 1993, os dados mostram esta classificação alterada, sendo micro as empresas com até 19 empregados, mas este fato não conseguiu alterar a estrutura que praticamente se repetiu, como pode ser observado nas tabelas 3.2.1 e 3.2.2.

Em 1996 os dados mostraram que houve uma reação da indústria de transformação no número de empresas em relação ao ano de 1993, passando de 12.000 para 15.223 empresas; sendo que entre estas empresas, aumentou a quantidade de micro e pequenas, enquanto que reduziu o número de médias e grandes empresas. É possível verificar que os números são crescentes para a quantidade de empregados entre os anos de 1993 e 1997, passando de 304.697 para 322.003 trabalhadores.

Para a indústria têxtil-vestuário o mesmo perfil é traçado para a quantidade de empresas, em 1996 eram 3.847 empresas passando para 4.151 em 1997; no entanto ao se tratar do número de empregados, torna-se difícil a comparação, pois em 1993 os dados referentes às indústrias calçadistas não aparecem desvinculados do vestuário, enquanto que

8

Não foi possível encontrar os dados sobre as indústrias de calçados desvinculados do segmento de vestuário, calçados e artefatos, para os anos de 1991 e 1993.

em 1997 empregava 84.237 trabalhadores, ou seja, mais de 26% dos empregados da indústria de transformação estavam alocados na indústria têxtil-vestuário.

O Produto Interno Bruto (PIB) estadual, em 1997, foi de R\$ 34 bilhões, correspondendo a aproximadamente 4% do PIB nacional . A participação setorial mais significativa no PIB estadual está associado ao setor secundário, como pode ser observado no quadro 3.2.1, onde mostrou liderança em todo o período analisado (1990-1997). Segundo dados da Fiesc, a indústria de transformação é responsável por aproximadamente 70% das exportações catarinenses.

Quadro 3.2.1

Comportamento do PIB Catarinense setorial de 1990 a 1997

Ano	Variação Setorial do PIB (%)			Participação Setorial no PIB (%)		
	Primário	Secundário	Terciário	Primário	Secundário	Terciário
1990	7,40	-6,60	-2,40	16,55	43,40	40,05
1991	-5,60	2,00	2,10	15,50	43,93	40,57
1992	23,98	-3,24	-0,10	18,79	41,57	39,64
1993	-1,33	7,46	3,53	17,79	42,85	39,36
1994	5,43	4,71	4,09	17,93	42,90	39,18
1995	1,95	5,67	6,06	17,38	43,10	39,52
1996	-1,04	3,03	4,95	16,69	43,08	40,23
1997	12,05	6,95	4,46	17,51	43,14	39,35

Fonte: SDE/DEGE/GERES *apud* Santa Catarina. Federação das Indústrias do Estado de SC -Fiesc, 1999.

Segundo Campos *et al* (2000), “as estimativas são de que o faturamento do segmento têxtil-vestuário de Santa Catarina atingiu, em 1997, US\$ 2,5 bilhões, correspondendo a cerca de 10 % do valor da produção do setor ao nível nacional (Sintex,1997). Do total produzido no estado, mais de ¾ localiza-se na região do Vale do Itajaí e adjacências.”

Tabela 3.2.1
Participação da indústria têxtil-vestuário na indústria de transformação catarinense -
segundo tamanho e número de empresas para os anos selecionados. SC.

1991	Ind. Transformação (a)	%	Têxtil (b)	%	Vest. Calç. Art.(c)	%	% b/a	% c/a	% (b+c)/a
Micro	36.562	92,42	1.151	86,35	10.921	95,81	3,15	29,87	33,02
Pequena	2.503	6,33	109	8,18	410	3,6	4,35	16,4	20,73
Média	399	1,01	49	3,67	54	0,47	12,3	13,54	25,8
Grande	97	0,24	24	1,8	14	0,12	24,74	14,43	39,17
TOTAL	39.561	100	1.333	100	11.399	100	3,37	29	32,18
1993	Ind. Transformação (a)	%	Têxtil (b)	%	Vest. Calç. Art.(c)	%	% b/a	% c/a	% (b+c)/a
Micro	10.042	83,69	310	69,35	2.490	86,97	3,09	24,8	27,88
Pequena	1.433	11,94	75	16,78	274	9,57	5,23	19,12	24,35
Média	436	3,63	44	9,84	81	2,83	10,09	18,58	28,67
Grande	89	0,74	18	4,03	18	0,63	20,22	20,22	40,45
TOTAL	12.000	100	447	100	2.863	100	3,72	23,86	27,58
1996	Ind. Transformação (a)	%	Têxtil (b)	%	Calçados (c)	%	% b/a	% c/a	
Micro	12.994	85,36	3.293	85,6	198	82,5	25,34	1,52	
Pequena	1.717	11,28	412	10,72	36	15	24	2,1	
Média	426	2,8	111	2,88	6	2,5	26,06	1,4	
Grande	86	0,56	31	0,8	0	0	36,05	0	
TOTAL	15.223	100	3.847	100	240	100	25,27	1,58	
1997	Ind. Transformação (a)	%	Têxtil (b)	%	Calçados (c)	%	% b/a	% c/a	
Micro	14.258	85,61	3.521	84,82	195	84,05	24,70	1,37	
Pequena	1.907	11,45	498	12	33	14,22	26,11	1,73	
Média	406	2,44	103	2,48	4	1,73	25,37	1	
Grande	83	0,5	29	0,7	0	0	34,94	0	
TOTAL	16.654	100	4.151	100	232	100	24,92	1	

Fonte: Santa Catarina. Federação das Indústrias do Estado de SC - Fiesc, 1994, 1997, 1998 e 1999.

Nota1: Tabela elaborada pela autora com base em dados da FIESC.

Nota2: Para o ano de 1991, considera-se microempresa até 10 empregados, pequena de 11 a 100 empregados, média de 101 a 500 empregados, e grande com mais de 500 empregados. Para os anos de 1993, 1996 e 1997, considera-se microempresa até 19 empregados, pequena de 20 a 99, média de 100 a 500 empregados, e grande com 500 ou mais empregados.

Nota3: A partir do ano de 1996, TÊXTIL inclui também vestuário e artefatos têxteis.

Tabela 3.2.2
Participação da indústria têxtil-vestuário na indústria de transformação catarinense -
segundo número de empregados, para os anos selecionados.SC.

1991	Ind. Transformação (a)	%	Têxtil (b)	%	Vest. Calç. Art.(c)	%	% b/a	% c/a	% (b+c)/a
Micro	26.495	8,15	819	1,56	5.267	11,92	3,09	19,88	22,97
Pequena	74.883	23,05	3.896	7,42	12.729	28,82	5,2	17	22,2
Média	82.649	25,43	9.623	18,33	10.552	23,89	11,64	12,77	24,41
Grande	140.958	43,37	38.146	72,69	15.623	35,37	27,06	11,08	38,14
TOTAL	324.985	100	52.484	100	44.171	100	16,14	14	29,74
1993	Ind. Transformação (a)	%	Têxtil (b)	%	Vest. Calç. Art.(c)	%	% b/a	% c/a	% (b+c)/a
Micro	41.953	13,77	1.222	3,41	8.672	15,38	2,91	20,67	23,58
Pequena	59.711	19,6	3.612	10,1	10.997	19,5	6,05	18,42	24,47
Média	88.097	28,91	8.816	24,64	15.560	27,6	10	17,66	27,67
Grande	114.936	37,72	22.134	61,85	21.165	37,52	19,26	18,41	37,67
TOTAL	304.697	100	35.784	100	56.394	100	11,74	19	30,25
1997	Ind. Transformação (a)	%	Têxtil (b)	%	Calçados (c)	%	% b/a	% c/a	
Micro	61.962	19,24	13.835	16,42	713	24,74	22,33	1,15	
Pequena	77.842	24,17	19.588	23,25	1.493	51,83	25,16	1,92	
Média	85.162	26,45	21.087	25,03	675	23,43	24,76	0,8	
Grande	97.037	30,14	29.727	35,3	0	0	30,63	0	
TOTAL	322.003	100	84.237	100	2.881	100	26,16	1	

Fonte: Santa Catarina. Federação das Indústrias do Estado de SC - Fiesc, 1994,1997,1998.
Nota1: Tabela elaborada pela autora com base em dados da FIESC.
Nota2: Para o ano de 1991 considera-se microempresa até 10 empregados, pequena de 11 a 100, média de 101 a 500 e grandes com mais de 500 empregados.Para os anos de 1993 e 1997, considera-se microempresa até 19 empregados, pequena de 20 a 99, média de 100 a 500, e grande com 500 ou mais empregados.
Nota3: Em 1997 os dados referentes ao setor do vestuário estão incluídos no setor têxtil.

3.3 A estrutura da indústria têxtil-vestuário catarinense

A indústria têxtil se insere nas chamadas indústrias tradicionais, onde são caracterizadas pelas baixas taxas de crescimento e dependência de matérias-primas. São ainda intensivas em mão-de-obra, com fracas barreiras à entrada e apresentam descontinuidade na estrutura produtiva (Campos *et al*, 2000; Garcia, 1986).

A partir da década de 70 começou haver um significativo desenvolvimento do setor do vestuário – até então predominava a indústria têxtil propriamente dita - surgindo grandes empresas como a Marisol e Malwee (Campos *et al*, 2000):

Para Garcia (1996), um diferencial da indústria têxtil nacional e, especialmente a catarinense, é o fato de apresentar uma concentração importante de segmentos em tecidos de fibras naturais, principalmente o algodão, onde a concorrência é menos acirrada, pois sua produção não pode ser tão facilmente alterada como a dos sintéticos.

A região do Vale do Itajaí constitui-se o principal núcleo da indústria têxtil-vestuário catarinense, referendado em todos os assuntos afins e reconhecido nacionalmente. No entanto, é importante avaliar, mesmo que quantitativamente, como se apresentam as estruturas das empresas que compõem o setor, a distribuição da cadeia produtiva e o número de empregados no final da década de 90.

3.3.1 O setor têxtil

Foram analisadas 151 empresas deste setor, distribuídas entre sete segmentos, que formam a cadeia produtiva têxtil.

É composto por 37 % de micro e 32 % de pequenas empresas, no entanto 74 % da mão-de-obra é absorvida por empresas de grande porte, que representam apenas 13 % do total do setor, mostrando um perfil bastante concentrado da mão-de-obra empregada (quadro 3.4).

Historicamente, a indústria têxtil brasileira, teve sua principal demanda o mercado interno. Segundo Garcia (1996), frente à contração da demanda doméstica nos anos 80 e 90, houve a necessidade de incrementar as exportações, que ficou concentrada em um número pequeno de empresas, no geral de grande porte e verticalizadas, mesmo porque

estas empresas é que estariam em condições mais privilegiadas para incorporar as inovações tecnológicas, com maior acumulação de recursos, acesso à fontes de financiamento e aos próprios incentivos dados à exportação.

Para Garcia (1996), o efeito combinado da retração do mercado interno e da intensificação de capital resultou em uma concentração significativa da produção têxtil, provocando o fechamento de inúmeras empresas de micro e pequenos portes. Para o autor, no entanto, “não se pode negar que a segmentação do mercado têxtil favorece o surgimento de produtores especializados, fazendo com que a concorrência se dê em torno de determinados produtos e não sobre um mercado geral, o que permite, ainda, a convivência no mercado de tecnologias díspares”.

A seguir são apresentados os segmentos que compõem o setor têxtil catarinense, segundo sua localização, número de empresas e empregados.

3.3.1.1 Beneficiamento de fibras têxteis vegetais, artificiais e sintéticas, e de matérias têxteis de origem animal, fabricação de estopa, de materiais para estofos, e recuperação de resíduos têxteis

Este segmento é composto por 18 % das empresas e 5 % da mão-de-obra do setor têxtil (quadro 3.4).

No que se refere ao porte das empresas, praticamente é constituído por micro e pequenas empresas. A empresa mais significativa em número de empregados (430), está localizada na região do Vale do Itajaí e trabalha com sintéticos. É nesta região que encontram-se o maior número de empresas e empregados.

Outras regiões como Norte, Grande Florianópolis e Sul, também apresentam algumas empresas que atuam neste segmento (tabela 3.3.1.1).

Tabela 3.3.1.1

Distribuição das empresas de beneficiamento de fibras têxteis, de estopa e recuperação de resíduos têxteis - segundo localização, tamanho das empresas e número de empregados. SC. 1999

REGIÕES E MUNICÍPIOS	Total de empresas	TAMANHO DA EMPRESA				Nº DE EMPREGADOS				Total de empregados
		ML	PQ	ME	GR	ML	PQ	ME	GR	
02 - Norte										
008 - Jaraguá do Sul	4	2	2			24	110			134
008 - Joinville	4	2	1	1		19	35	200		254
02 - Sub-total	8	4	3	1		43	145	200		388
04 - Vale do Itajaí										
012 - Brusque	3		3				131			131
012 - Apiúna	1		1				41			41
012 - Gaspar	1		1				39			39
012 - Indaial	1		1				42			42
012 - Rodeio	1		1				54			54
012 - Timbó	1			1				430		430
014 - Atalanta	1		1				23			23
012 - Blumenau	6	2	3	1		18	172	227		417
04 - Sub-total	15	2	11	2		18	502	657		1.177
05 - G. Fpolis										
015 - Canelinha	3	2	1			13	90			103
05 - Sub-total	3	2	1			13	90			103
06 - Sul										
020 - Araranguá	1	1				0				0
06 - Sub-total	1	1				0				0
TOTAL	27	9	15	3	0	74	737	857	0	1.668

Fonte: Santa Catarina Federação das Indústrias do Estado de SC-Fiesc, 1999.

Nota: Tabela elaborada pela autora com base em dados da FIESC.

3.3.1.2 Fiação, fiação e tecelagem, e tecelagem

Este segmento é de extrema importância na cadeia produtiva têxtil, é composto por 34 % das empresas e absorve 52% da mão-de-obra empregada pelo setor (quadro 3.4).

Das 51 empresas que integram o segmento, 36 estão na região do Vale do Itajaí e agrupam 13.373 empregados (tabela 3.3.1.2). A cidade de Blumenau é o principal núcleo, apresenta empresas importantes, que juntas empregam 8.053 trabalhadores, ou seja, aproximadamente 44,6 % da mão-de-obra empregada no segmento; entre as principais empresas estão: Cia. Têxtil Karsten (1.877 empregados) e Teka Tecelagem Kuehnrich S/A (6.161 empregados). Este segmento aparece também bastante desenvolvido no município de Brusque, são 22 empresas e 4.787 empregados. Entre as empresas de maior destaque, pode-se citar: Buettner S/A Ind. e Com. (1.300 empregados); Cia. Industrial Schlosser S/A (485 empregados); Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S/A (900 empregados) e as Indústrias Têxteis Renaux S/A (742 empregados).

Empresas importantes aparecem também na região Norte, onde três delas são de grande porte: Buddemeyer S/A (720 empregados), Comfio Cia. Catarinense de Fiação (513 empregados) e Dohler S/A (2.536 empregados).

As regiões Oeste e Sul, embora modestamente, também integram este segmento, como pode ser observado na tabela 3.3.1.2.

Tabela 3.3.1.2

Distribuição das empresas de fiação, fição e tecelagem, e tecelagem - segundo localização, tamanho das empresas e número de empregados. SC. 1999

REGIÕES E MUNICÍPIOS	Total de empresas	TAMANHO DA EMPRESA				N.º DE EMPREGADOS				Total de empregados
		ML.	PQ.	ME.	GR.	ML.	PQ.	ME.	GR.	
01 - Oeste										
001 - Mondai	1			1				162		162
01 - Sub-total	1			1				162		162
02 - Norte										
006 - Mafra	1	1				11				11
007 - São Bento do Sul	2			1	1			450	720	1.170
008 - Jaragua do Sul	3	1	1	1		9	29	130		168
008 - Joinville	7	3	2		2	35	69		3.049	3.153
02 - Sub-total	13	5	3	2	3	55	98	580	3.769	4.502
04 - Vale do Itajaí										
011 - Rio do Sul	2		1	1			60	141		201
012 - Blumenau	4	2			2	15			8.038	8.053
012 - Botubera	2		2				142			142
012 - Brusque	22	7	6	6	3	65	282	1.498	2.942	4.787
012 - Guabiruba	1		1				60			60
013 - Itajaí	2	1	1			1	63			64
013 - Indaial	3	2	1			23	43			66
04 - Sub-total	36	12	12	7	5	104	650	1.639	10.980	13.373
06 - Sul										
020 - Araranguá	1	1				3				3
06 - Sub-total	1	1				3				3
TOTAL	51	18	15	10	8	162	748	2.381	14.749	18.040

Fonte: Santa Catarina.Federação das Indústrias do Estado de SC-Fiesc, 1999.
Nota: Tabela elaborada pela autora com base em dados da FIESC.

3.3.1.3 Malharia e fabricação de tecidos elásticos

O segmento de malharia é composto por 32 % das empresas e 19 % da mão-de-obra empregada no setor têxtil (quadro 3.4).

As regiões Norte e Vale do Itajaí (tabela 3.3.1.3), apresentam o maior número de empresas e empregados. Outras regiões como Oeste, Grande Florianópolis e Sul, têm restrita participação.

O Norte do estado possui duas grandes empresas, a Malharia Manz Ltda (1.900 empregados), em Joinville e a Zanotti Ind. e Com. De Elásticos Ltda.(509 empregados), em Jaraguá do Sul.

O Vale do Itajaí apresenta 24 empresas com 2.941 trabalhadores. Entre elas, 3 são de grande porte: Malharia Brandili Ltda. (654 empregados), em Apiúna; Malharia Cristina Ltda. (600 empregados), em Blumenau e finalmente a Malwee Malhas Ltda. (1.000 empregados), no município de Pomerode.

O segmento da malharia pode ser dividido em dois grupos de empresas, as que integram o segmento do vestuário e que acompanham o desenvolvimento deste segmento, e as que não integram, voltando-se a acompanhar o comportamento do segmento de fiação/tecelagem/beneficiamento (Prado, 1998 *apud* Campos *et al*, 2000).

Tabela 3.3.1.3

Distribuição das empresas de malharia e fabricação de tecidos elásticos - segundo localização, tamanho das empresas e número de empregados. SC. 1999

REGIÕES E MUNICÍPIOS	Total de empresas	TAMANHO DA EMPRESA				N.º DE EMPREGADOS				Total de empregados
		MI.	PQ.	ME.	GR.	MI.	PQ.	ME.	GR.	
01- Oeste										
001 - Palma Sola	1	1				2				2
001- São Miguel do Oeste	1	1				4				4
002- São Lourenço do Oeste	1	1				4				4
01 - Sub-total	3	3				10				10
02 - Norte										
006 - Mafra	1	1				8				8
006 - Três Barras	1	1				2				2
008 - Guaramirim	1		1				20			20
008 - Jaraguá do Sul	7	1	3	2	1	2	150	591	509	1.252
008 - Joinville	8	2	3	2	1	30	132	364	1.900	2.426
008 - Schroeder	1		1				49			49
02 - Sub-total	19	5	8	4	2	42	351	955	2409	3757
04 - Vale do Itajai										
012 - Apiúna	1				1				654	654
012 - Blumenau	3	2			1	13			600	613
012 - Brusque	14	9	5			65	201			266
012 - Gaspar	1		1				68			68
012- Guabiruba	2		1	1			25	168		193
012 - Pomerode	2	1			1	17			1.000	1.017
012 - Timbó	1			1				130		130
04 - Sub-total	24	12	7	2	3	95	294	298	2.254	2.941
05 - Grande Florianópolis										
016 - São José	2	2				3				3
05 - Sub-total	2	2				3				3
06 - Sul										
018 - Tubarão	1		1				25			25
06 - Sub-total	1		1				25			25
TOTAIS	49	22	16	6	5	150	670	1.253	4.663	6.736

Fonte: Santa Catarina.Federação das Indústrias do Estado de SC-Fiesc, 1999.

Nota: Tabela elaborada pela autora com base em dados da FIESC.

3.3.1.4 Fabricação de artigos de passamaria, fitas, filós, rendas e bordados

Na amostra analisada este segmento apresentou apenas 9 empresas e o total de 736 empregados, ou seja, 6% e 2% do setor têxtil, respectivamente (quadro 3.4).

Pela classificação, nenhuma empresa de grande porte foi verificada, no entanto a Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke, apresenta-se com 468 empregados, localizada no município de São José, na Grande Florianópolis.

Do ponto de vista espacial, este segmento aparece em quase todas as regiões, com exceção apenas da região Serrana (tabela 3.3.1.4).

Tabela 3.3.1.4

Distribuição das empresas de fabricação de artigos de passamaria, fitas, filós, rendas e bordados - segundo localização, tamanho das empresas e número de empregados. SC. 1999

REGIÕES E MUNICÍPIOS	Total de empresas	TAMANHO DA EMPRESA				N.º DE EMPREGADOS				Total de empregados
		ML	PQ	ME	GR	ML	PQ	ME	GR	
02 - Norte										
008 - Joinville	1	1				12				12
02 - Sub-total	1	1				12				12
04 - Vale do Itajaí										
012 - Blumenau	2			2				200		200
012 - Pomerode	1		1				40			40
012 - Rodeio	1	1				2				2
013 - Balneário Camboriú	1	1				1				1
04 - Sub-total	5	2	1	2		3	40	200		243
05 - Grande Florianópolis										
016 - São José	1			1				468		468
05 - Sub-total	1			1				468		468
06 - Sul										
019 - Criciúma	1	1				6				6
020 - Turvo	1	1				7				7
06 - Sub-total	2	2				13				13
TOTAL	9	5	1	3	0	28	40	668	0	736

Fonte: Santa Catarina Federação das Indústrias do Estado de SC-Fiesc, 1999.

Nota: Tabela elaborada pela autora com base em dados da FIESC.

3.3.1.5 Fabricação de tecidos especiais - feltros, tecidos de crina, tecidos felpudos, impermeáveis e de acabamento especial

Este segmento existe apenas nas regiões Norte e Vale do Itajaí. É um segmento dominado por empresas de médio e grande porte – com produção bastante concentrada - e está diretamente ligado à produção de artigos de cama, mesa e banho. Embora seja relativamente baixo o número de empresas participantes, apenas 5% do total das empresas do setor, oferecem 4.778 empregos, ou seja 14% (quadro 3.4).

No Norte do Estado localiza-se uma única empresa e emprega 800 trabalhadores. As demais estão localizadas no Vale do Itajaí (tabela 3.3.1.5).

Tabela 3.3.1.5

Distribuição das empresas de fabricação de tecidos especiais - feltros, tecidos de crina, felpudos, impermeáveis e de acabamento especial - segundo localização, tamanho das empresas e número de empregados. SC. 1999

REGIÕES E MUNICÍPIOS	Total de empresas	TAMANHO DA EMPRESA				N.º DE EMPREGADOS				Total de empregados
		MI.	PQ.	ME.	GR.	MI.	PQ.	ME.	GR.	
02 - Norte										
008 - Jonville	1				1				800	800
02 - Sub-total	1				1				800	800
04 - Vale do Itajaí										
012 - Blumenau	3			1	2			480	2.280	2.760
012 - Brusque	2	1		1		18		121		139
012 - Indaial	1				1				1.064	1.064
013 - Itapema	1	1				15				15
04 - Sub-total	7	2		2	3	33		601	3.344	3.978
TOTAL	8	2	0	2	4	33	0	601	4.144	4.778

Fonte: Santa Catarina.Federação das Indústrias do Estado de SC - Fiesc, 1999.

Nota: Tabela elaborada pela autora com base em dados da FIESC.

3.3.1.6 Acabamento de fios e tecidos, não processados em fiações e tecelagens

Na amostra foram identificadas 4 empresas para este segmento e empregam 1.010 trabalhadores, o que representa 3% das empresas e empregados do setor (quadro 3.4).

A principal empresa é a Indústria de Linhas Leopoldo Schmalz S/A (750 empregados), localizada no município de Gaspar, na região do Vale do Itajaí (tabela 3.3.1.6).

O acabamento é uma atividade que requer consideráveis números de empregados, sua estrutura não apresentou nenhuma microempresa.

Tabela 3.3.1.6

Distribuição das empresas de acabamento de fios e tecidos, não processados nas fiações e tecelagens - segundo localização, tamanho das empresas e número de empregados. SC. 1999

REGIÕES E MUNICÍPIOS	Total de empresas	TAMANHO DA EMPRESA				N.º DE EMPREGADOS				Total de empregados
		MI.	PQ.	ME.	GR.	MI.	PQ.	ME.	GR.	
02 - Norte										
008 - Guaramirim	1		1				40			40
02 - Sub-total	1		1				40			40
04 - Vale do Itajaí										
012 - Brusque	2		1	1			90	130		220
012 - Gaspar	1				1				750	750
04 - Sub-total	3		1	1	1		90	130	750	970
TOTAL	4	0	2	1	1	0	130	130	750	1.010

Fonte: Santa Catarina, Federação das Indústrias do Estado de SC-Fiesc, 1999.

Nota: Quadro elaborado pela autora com base em dados da FIESC.

3.3.1.7 Outros artefatos têxteis

Conforme metodologia, as empresas que compunham este segmento, foram realocadas para segmentos mais específicos (apenas as empresas com mais de 100 empregados). No entanto não foi possível a inserção de três empresas, que serão apresentadas num pequeno grupo de outros artefatos (tabela 3.3.1.7).

Fazem parte deste grupo 2 % das empresas, composto pela MPC Produtos para Higiene Ltda., onde os principais produtos são: fraldas descartáveis, linha líquida para bebê, absorventes e a Cremer S.A , que trabalha com adesivos industriais, linha de primeiros socorros, ortopédica, cirúrgica e linha bebê. Juntas absorvem 5 % da mão-de-obra (quadro 3.4).

Tabela 3.3.1.7

Distribuição das empresas de fabricação de outros artefatos têxteis -
segundo localização, tamanho das empresas e número de empregados. SC. 1999

REGIÕES E MUNICÍPIOS	Total de empresas	TAMANHO DA EMPRESA			N.º DE EMPREGADOS				Total de empregados
		MI.	PQ.	ME.	GR.	MI.	PQ.	ME.	
04 - Vale do Itajaí									
012 - Blumenau	3			2	1			370	1.626
04 - Sub-total	3		0	2	1		0	370	1.626
TOTAL	3	0	0	2	1	0	0	370	1.626

Fonte: Santa Catarina Federação das Indústrias do Estado de SC-Fiesc, 1999.

Nota: Quadro elaborado pela autora com base em dados da FIESC.

3.3.2 O setor de vestuário

Somente a partir da década de 70 que este segmento tem sua expansão em Santa Catarina, surgindo empresas de grande porte como a Marisol e a Malwee. Até então a indústria era predominantemente têxtil (Campos *et al*, 2000).

Na amostra foi possível verificar a existência de 11 grandes empresas, absorvendo 45 % da mão-de-obra do setor, mas por conta do relativo pouco volume de capital necessário aos pequenos empreendimentos, constatou-se que 60 % das empresas possuem no máximo até 19 empregados, absorvendo apenas 6 % da mão-de-obra (quadro 3.4).

3.3.2.1 Confecção de roupas e agasalhos

O segmento de confecção de roupas e agasalhos é o mais difundido no Estado catarinense, no setor de vestuário representa 98 % das empresas e 99 % da mão-de-obra (quadro 3.4). Existem 543 empresas e empregam 37.944 trabalhadores, distribuídas em todas as regiões. É também o segmento que envolve o maior número de municípios participantes, como pode ser observado na tabela 3.3.2.1.

Convivem neste segmento empresas dos mais variados portes, onde 60% são micro, 26% pequenas, 12% médias e 2% são grandes empresas e, empregam respectivamente 6%, 14%, 35% e 45% dos trabalhadores no setor.

No Vale do Itajaí localiza-se o maior número de grandes empresas, das 11 que compõem o segmento, 7 estão nesta região.

Tabela 3.3.2.1

Distribuição das empresas de confecção de roupas e agasalhos - segundo localização, tamanho das empresas e número de empregados. SC. 1999

REGIÕES E MUNICÍPIOS	Total de empresas	TAMANHO DA EMPRESA				Nº DE EMPREGADOS				Total de empregados
		MI.	PQ.	ME.	GR.	MI.	PQ.	ME.	GR.	
01- Oeste										
001 - Guaraciaba	2	1	1			2	46			48
001 - Guarujá do Sul	1	1				12				12
001 - Itapiranga	1	1				5				5
001 - S. Miguel do Oeste	5	4	1			20	32			52
002 - Águas Frias	2	1	1			6	20			26
002 - Caibi	1	1				7				7
002 - Cel. Freitas	1		1				39			39
002 - Chapecó	4	3	1			14	42			56
002 - Cunha Porã	1	1				1				1
002 - Maravilha	1		1				60			60
002 - Modelo	2	1	1			5	20			25
002 - Palmitos	2	2				12				12
002 - Pinhalzinho	1		1				57			57
002 - São Carlos	2	1		1		0		110		110
002 - Saudades	1			1				239		239
003 - São Domingos	2	1	1			3	45			48
003 - Vargeão	1	1				5				5
003 - Xanxerê	2	1	1			4	36			40
004 - Arroio Trinta	1	1				0				0
004 - Caçador	4	2	2			21	75			96
004 - Fraiburgo	1	1				13				13
004 - Herval do Oeste	1	1				7				7
004 - Joaçaba	6	5	1			31	33			64
004 - Treze Tilias	2	2				12				12
004 - Videira	3	3				5				5
005 - Concórdia	4	2	2			19	64			83
005 - Scara	2	2				6				6
01 - Sub-total	56	39	15	2		210	569	349		1.128
02 - Norte										
006 - Mafra	6	4		2		24		587		611
007 - Rio Negrinho	2	2				0				0
007 - S. Bento do Sul	4	4				5				5
008 - Corupá	2	1		1		0		252		252
008 - Guarimirim	8	5	2	1		46	119	162		327
008 - Jaraguá do Sul	35	20	6	6	3	178	170	977	5.985	7.310
008 - Joinville	30	15	13	2		114	430	738		1.282
008 - Massaranduba	5	3	1	1		18	40	289		347
008 - S João do Itaperiú	1		1				20			20
008 - Schroeder	3			3				772		772
02 - Sub-total	96	54	23	16	3	385	779	3.777	5.985	10.926
03 - Serrana										
009 - Campos Novos	3	3				29				29
009 - Santa Cecília	2	1	1			13	30			43
010 - Anita Garibaldi	1	1				4				4
010 - Lages	14	13	1			84	43			127
010 - Otacílio Costa	1	1				4				4
03 - Sub-total	21	19	2			134	73			207
04 - Vale do Itajaí										
011 - Lontas	1			1				181		181
011 - Ibirama	2	2				5				5
011 - Laurentino	2	2				25				25
011 - Presidente Getúlio	1		1				88			88
011 - Rio do Campo	2		2				98			98

REGIÕES E MUNICÍPIOS	Total de empresas	TAMANHO DA EMPRESA				Nº DE EMPREGADOS				Total de empregados
		MI.	PQ.	ME.	GR.	MI.	PQ.	ME.	GR.	
011 - Rio do Oeste	3	1	2			15	56			71
011 - Rio do Sul	18	10	6	2		74	226	358		658
011 - Salte	1			1				112		112
012 - Ascurra	2		1		1		40		597	637
012 - Benedito Novo	1			1				413		413
012 - Blumenau	68	37	12	15	4	242	524	2.526	7.811	11.103
012 - Botuverá	1	1				7				7
012 - Brusque	40	29	8	3		203	258	751		1.212
012 - Gaspar	32	17	11	4		116	405	640		1.161
012 - Guabiruba	3	2	1			29	20			49
012 - Indaial	10	5	4	1		31	182	350		563
012 - Luiz Alves	2			2				529		529
012 - Pomerode	5	1	1	2	1	15	38	483	1.021	1.557
012 - Rio dos Cedros	1		1				57			57
012 - Rodeio	1			1				228		228
012 - Timbó	16	9	5	1	1	53	254	260	984	1.551
013 - Bal. Camboriú	3	1	1	1		5	30	130		165
013 - Ilhota	1	1				14				14
013 - Itajaí	9	8		1		64		140		204
013 - Itapema	1	1				4				4
014 - Agrolândia	2	2				19				19
014 - Ituporanga	2	1		1		6		155		161
04 - Sub-total	230	130	56	37	7	927	2.276	7.256	10.413	20.872
05 - Grande Fpolis										
015 - Canclinha	1		1				23			23
015 - Nova Trento	5	4	1			34	23			57
016 - Biguaçu	1		1				23			23
016 - Florianópolis	18	15	3			110	65			175
016 - Palhoça	4	4				6				6
016 - São José	17	11	6			82	225			307
016 - Sto. A Imperatriz	2	2				19				19
017 - Alfredo Wagner	1	1				1				1
05 - Sub-total	49	37	12			252	359			611
06 - Sul										
018 - Armazém	1			1				160		160
018 - Braço do Norte	1			1				350		350
018 - Capivari de Baixo	1	1				13				13
018 - Garopaba	1		1				23			23
018 - Imarui	1	1				15				15
018 - Imbituba	1		1				22			22
018 - Jaguaruna	1			1				120		120
018 - Laguna	5	2	3			11	156			167
018 - Tubarão	5	4		1		14		115		129
019 - Cocal do Sul	1		1				20			20
019 - Criciúma	41	19	17	5		145	693	935		1.773
019 - Içara	3	1	1	1		3	52	115		170
019 - Morro da Fumaça	3	1	1	1		14	21	117		152
019 - Nova Veneza	1				1				700	700
019 - Siderópolis	1		1				30			30
019 - Urussanga	3	3				13				13
020 - Araranguá	16	13	3			70	141			211
020 - Maracajá	2		2				110			110
020 - Sombrio	3	3				22				22
06 - Sub-total	91	48	31	11	1	320	1.268	1.912	700	4.200
TOTAL	543	327	139	66	11	2.228	5.324	13.294	17.098	37.944

Fonte: Santa Catarina.Federação das Indústrias do Estado de SC-Fiesc, 1999.

Nota: Tabela elaborada pela autora com base em dados da FIESC.

3.3.2.2 Fabricação de chapéus

A fabricação de chapéus não é uma atividade empresarial muito difundida no Estado catarinense. Há apenas 3 empresas, empregando 188 trabalhadores. A empresa mais significativa em número de empregados (169), é de médio porte, a Marcatto Ind. de Chapéus, localizada no município de Jaraguá do Sul, no Norte do Estado (tabela 3.3.2.2).

Tabela 3.3.2.2
Distribuição das empresas de fabricação de chapéus - segundo localização, tamanho das empresas e número de empregados. SC. 1999

REGIÕES E MUNICÍPIOS	Total de empresas	TAMANHO DA EMPRESA				Nº DE EMPREGADOS				Total de empregados
		MI.		PQ.		ME.		GR.		
01- Oeste										
001 - São José dos Cedros	1	1					10			10
003 - Xanxerê	1	1					9			9
01 - Sub-total	2	2					19			19
02 - Norte										
008 - Jaraguá do Sul	1				1				169	169
02 - Sub-total	1				1				169	169
TOTAL	3	2	0	1	0	19	0	169	0	188

Fonte: Santa Catarina.Federação das Indústrias do Estado de SC-Fiesc, 1999.

Nota: Tabela elaborada pela autora com base em dados da FIESC.

3.3.2.3 Fabricação de acessórios do vestuário - guarda-chuvas, lenços, gravatas, cintos, bolsas

Para este segmento foram verificadas 8 empresas e empregam 158 funcionários, e representam no setor 1% e 0,41%, respectivamente (quadro 3.4). Estão bem dispersas geograficamente, aparecendo em quase todas as regiões, com exceção da região da Grande Florianópolis, como pode ser observado na tabela 3.3.2.3.

Mesmo que haja uma boa distribuição espacial, é relativa a participação deste segmento, uma vez que envolve um número pequeno, tanto de empresas como de empregados.

Tabela 3.3.2.3

Distribuição das empresas de fabricação de acessórios do vestuário - segundo localização, tamanho das empresas e número de empregados. SC. 1999

REGIÕES E MUNICÍPIOS	Total de empresas	TAMANHO DA EMPRESA				Nº DE EMPREGADOS				Total de empregados
		MI.	PQ.	ME.	GR.	MI.	PQ.	ME.	GR.	
01 - Oeste										
002 - Chapecó	1	1				12				12
004 - Caçador	1	1				0				0
01 - Sub-total	2	2				12				12
02 - Norte										
008 - Jaraguá do Sul	1		1				66			66
02 - Sub-total	1		1				66			66
03 - Serrana										
010 - Lages	1	1				10				10
03 - Sub-total	1	1				10				10
04 - Vale do Itajaí										
012 - Brusque	2	2				30				30
04 - Sub-total	2	2				30				30
06 - Sul										
018 - Garopaba	1		1				30			30
018 - Tubarão	1	1				10				10
06 - Sub-total	2	1	1			10	30			40
TOTAL	8	6	2	0	0	62	96	0	0	158

Fonte: Santa Catarina.Federação das Indústrias do Estado de SC-Fiesc, 1999.

Nota: Tabela elaborada pela autora com base em dados da FIESC.

3.4 A indústria por segmento

Setor têxtil – Apresenta 151 empresas distribuídas entre 7 segmentos. Sua estrutura é composta por 37% de microempresas, 32% de pequenas, 18% de médias e 13% de grandes empresas, empregam 1%, 7%, 18% e 74% da mão-de-obra, respectivamente (quadro 3.4).

Na amostra, o segmento mais significativo em termos de empresas e empregados é o de fiação e tecelagem, com 34% das empresas e 52% da mão-de-obra do setor. Quanto ao porte das empresas deste segmento, é composto por 35% de micro, 29% de pequenas, 20% de médias e 16% de grandes empresas, empregam respectivamente, 1%, 4%, 13% e 82% dos trabalhadores. É também o segmento que apresenta o maior número de empresas de grande porte, intensivas em mão-de-obra.

O segmento de malharia apresenta-se com 32% das empresas e 19% dos empregados. É composto por 45% de microempresas, 33% de pequenas, 12% de médias e 10% de grandes empresas, assemelhando-se ao segmento da fiação, onde a mão-de-obra concentra-se em empresas de grande porte, que absorvem 69% do total de empregados. Apenas 2% dos empregados estão nas microempresas, 10% nas pequenas e 19% nas empresas de médio porte.

O segmento de fabricação de tecidos especiais também é intensivo em mão-de-obra, embora seja relativamente pequeno o número de empresas participantes (5% do setor), concentram 14% da mão-de-obra empregada. É um segmento dominado por empresas de grande porte, o que representa 50% do total das empresas e 87% dos empregados no segmento.

O segmento de outros artefatos apresenta-se com 67% de empresas de médio porte e 33% de grande porte, empregam respectivamente, 23% e 77% da mão-de-obra. Embora seja relativamente baixa a participação do número de empresa no setor (2%), participa com 5% em número de empregados.

O segmento de beneficiamento de fibras participa com 18% das empresas do setor, no entanto emprega apenas 5% da mão-de-obra. Nenhuma empresa de grande porte foi verificada, sua estrutura é composta por 33% de microempresas, 56% de pequenas e 11% de empresas de médio porte. Quanto ao número de empregados, 4% estão nas microempresas, 44% nas pequenas e 51% nas médias.

O segmento de acabamento de fios participa com 3% das empresas e igualmente 3% da mão-de-obra.

O segmento de fabricação de fitas e rendas participa com 6% das empresas e 2% da mão-de-obra.

Setor Vestuário – Apresenta 554 empresas distribuídas entre 3 segmentos. O segmento de confecção de roupas e agasalhos concentra 98% das empresas e 99% da mão-de-obra (quadro 3.4). Integram ainda o setor, os segmentos de fabricação de chapéus e acessórios do vestuário.

Sua estrutura é composta por 60% de microempresas, 25% de pequenas, 12% de médias e 2% de grandes empresas, empregam 6%, 14%, 35% e 45% da mão-de-obra, respectivamente.

Quadro 3.4

Indústria têxtil-vestuário:

Segmentos, tamanho das empresas e número de empregados. SC. 1999

ATIVIDADE EMPRESARIAL	Total empresas	%	TAMANHO DA EMPRESA						Nº DE EMPREGADOS						Total empreg.	%						
			MI.	%	PQ.	%	ME.	%	GR.	%	MI.	%	PQ.	%			ME.	%	GR.	%		
TÊXTIL																						
a - Benef.fibras, fabr.estopa, recup.resíduos	27	18%	9	33%	15	56%	3	11%													1.668	5%
b - Fiação, fiação e tecelagem, e tecelagem	51	34%	18	35%	15	29%	10	20%	8	16%											18.040	52%
c - Malharia e fabricação tecidos elásticos	49	32%	22	45%	16	33%	6	12%	5	10%											6.736	19%
d - Fabr. fitas, filós, rendas e bordados	9	6%	5	56%	1	11%	3	33%													736	2%
e -Fabr. tecidos especiais - feltros, felpudos	8	5%	2	25%			2	25%	4	50%											4.778	14%
f - Acab. de fios/tecidos, não processados	4	3%			2	50%	1	25%	1	25%											1.010	3%
g - Fabricação de outros artefatos têxteis	3	2%					2	67%	1	33%											1.626	5%
Sub-total	151	100%	56	37%	49	32%	27	18%	19	13%	447	1%	2.325	7%	6.260	18%	25.562	74%	34.594		100%	
VESTUÁRIO																						
a - Confeção de roupas e agasalhos	543	98%	327	60%	139	26%	66	12%	11	2%	2.228	6%	5.324	14%	13.294	35%	17.098	45%	37.944		99%	
b - Fabricação de chapéus	3	1%	2	67%			1	33%			19	10%			169	90%			188		0,49%	
c - Fabr. acessórios do vestuário	8	1%	6	75%	2	25%					62	39%	96	61%					158		0,41%	
Sub-total	554	100%	335	60%	141	25%	67	12%	11	2%	2.309	6%	5.420	14%	13.463	35%	17.098	45%	38.290		100%	
TOTAL																						
	705		391		190		94		30		2.756		7.745		19.723		42.660		72.884			

Fonte: Santa Catarina Federação das Indústrias do Estado de SC-Fiesc, 1999.

Nota 1: Tabela elaborada pela autora com base em dados da Fiesc.

3.5 A indústria por região

Em termos de distribuição regional, a amostra possibilitou a reafirmação da região do Vale do Itajaí enquanto núcleo do complexo têxtil catarinense, com 62 % das empresas e 70,3 % da mão-de-obra empregada no setor têxtil e; 42% e 54,6% para o setor do vestuário, respectivamente (tabelas 3.5 e 3.5a). A descontinuidade dos processos produtivos, característica desta indústria, faz com que ela seja grande absorvedora de mão-de-obra e apresenta também o maior número de grandes empresas, que são as principais empregadoras (quadro3.5a).

Uma expectativa acerca da concentração de empresas de um determinado setor numa região é o de produzir um comportamento diferenciado, que segundo Saboia (2000), deriva das vantagens pelas próprias características dessas aglomerações. E é neste contexto que se desenvolve a indústria do vestuário, que deriva da formação de grandes empresas do setor têxtil, que sem dúvida foi o facilitador no surgimento de inúmeras empresas dos mais variados portes.

O segmento de confecção de roupas e agasalhos é bastante difundido apresentando significativas empresas de grande porte, e ainda pelo baixo volume de investimento necessário aos pequenos empreendimentos apresenta inúmeras empresas que possuem até 19 empregados. Na amostra não foi verificada nenhuma empresa de fabricação de chapéus e apenas 2 microempresas na fabricação de acessórios no Vale do Itajaí.

A região Norte se apresenta com 28% das empresas e 27,5% dos empregados para o setor têxtil; e 18% e 29,1% para o setor de vestuário, respectivamente (tabelas 3.5 e 3.5a). Na amostra o único segmento não verificado foi o de fabricação de outros artefatos (quadro 3.5b).

A região Sul embora apresente algumas empresas do setor têxtil, tem a participação mais significativa no vestuário, são 93 empresas (17%) e 4.281 empregados (11,1 %). Apresenta empresas com portes variados e inclusive uma de grande porte no segmento de *jeans* (tabela 3.5a e quadro3.5c).

Em seguida se posiciona a região Oeste, e embora não traga em suas raízes a cultura têxtil, apresenta 1 empresa de porte médio no segmento de fiação e tecelagem e 3 microempresas de malharia. O segmento do vestuário é o mais desenvolvido, 11% das empresas estão nesta região, mas absorvem apenas 3% da mão-de-obra empregada no vestuário (tabela 3.5a e quadro 3.5d).

A região da Grande Florianópolis apresenta empresas que atuam nos segmentos de beneficiamento de fibras, malharia, e fabricação de rendas e bordados (quadro 3.5e); no setor têxtil representam 4% das empresas e 1,7% dos empregados. No vestuário a participação é de 9% em empresas e 1,6% em mão-de-obra (tabelas 3.5 e 3.5a).

É restrito o desenvolvimento das atividades têxteis na região Serrana, nenhuma empresa têxtil foi verificada (quadro 3.5f) e o vestuário participa com apenas 3% das empresas e 0,5% de empregados (quadro 3.5).

É importante ressaltar que os dados foram computados por empresa e não por grupo empresarial, o que pode superestimar a desconcentração. A segmentação efetuada entre o setor têxtil e do vestuário encobre o fato de que muitas empresas integram diversas etapas da cadeia produtiva. Mesmo assim, foi possível identificar na amostra a presença de alguns grupos têxteis através da razão social e a sua principal área de atividade, no entanto pela diversidade de denominações que podem apresentar, esta limitação impossibilita dados mais precisos a respeito de sua formação (quadro 3.5.1).

Tabela 3.5
Distribuição das empresas do SETOR TÊXTIL em Santa Catarina.SC. 1999

REGIÕES	Total de empresas	%	TAMANHO DA EMPRESA						N.º DE EMPREGADOS				Total de empregados	%
			ML.	PQ.	ME.	GR.			ML.	PQ.	ME.	GR.		
01 OESTE	4	3%	3		1				10		162		172	0,5%
02 NORTE	43	28%	15	15	7	6			152	634	1.735	6.978	9.499	27,5%
03 SERRANA	0	0%											0	0,0%
04 VALE DO ITAJAÍ	93	62%	30	32	18	13			253	1.576	3.895	18.584	24.308	70,3%
05 GRANDE FPO LIS	6	4%	4	1	1				16	90	468		574	1,7%
06 SUL	5	3%	4	1					16	25			41	0,1%
TOTAL	151	100	56	49	27	19			447	2.325	6.260	25.562	34.594	100

Fonte: Santa Catarina.Federação das Indústrias do Estado de SC-Fiesc, 1999.

Nota: Tabela elaborada pela autora com base em dados da FIESC.

Tabela 3.5a
Distribuição regional das empresas do SETOR DO VESTUÁRIO em Santa Catarina.SC. 1999

REGIÕES	Total de empresas	%	TAMANHO DA EMPRESA						N.º DE EMPREGADOS				Total de empregados	%
			MI.	PQ.	ME.	GR.			MI.	PQ.	ME.	GR.		
01 OESTE	60	11%	43	15	2				241	569	349		1.159	3,0%
02 NORTE	98	18%	54	24	17	3			385	845	3.946	5.985	11.161	29,1%
03 SERRANA	22	4%	20	2					144	73			217	0,6%
04 VALE DO ITAJAÍ	232	42%	132	56	37	7			957	2.276	7.256	10.413	20.902	54,6%
05 GRANDE Fpolis	49	9%	37	12					252	359			611	1,6%
06 SUL	93	17%	49	32	11	1			330	1.298	1.912	700	4.240	11,1%
TOTAL	554	100	335	141	67	11			2.309	5.420	13.463	17.098	38.290	100

Fonte: Santa Catarina.Federação das Indústrias do Estado de SC-Fiesc, 1999.

Nota: Tabela elaborada pela autora com base em dados da FIESC.

Quadro 3.5a

Distribuição dos segmentos da indústria têxtil-vestuário - tamanho das empresas e número de empregados da região do Vale do Itajaí, SC, 1999

ATIVIDADE EMPRESARIAL	Total empresas	%	TAMANHO DA EMPRESA				Nº DE EMPREGADOS				Total empregados	%
			MI.	PQ.	ME.	GR.	MI.	PQ.	ME.	GR.		
TÊXTEL												
a - Benef. fibras, fabr. estopa, recup. resíduos	15	16%	2	11	2		18	502	657		1.177	4,84%
b - Fiação, fiação e tecelagem, e tecelagem	36	39%	12	12	7	5	104	650	1.639	10.980	13.373	55,01%
c - Malharia e fabricação tecidos elásticos	24	26%	12	7	2	3	95	294	298	2.254	2.941	12,10%
d - Fabr. fitas, filós, rendas e bordados	5	5%	2	1	2		3	40	200		243	1,00%
e - Fabr. tecidos especiais - feltros, felpudos	7	8%	2		2	3	33		601	3.344	3.978	16,36%
f - Acab. de fios/tecidos, não processados	3	3%		1	1	1		90	130	750	970	3,99%
g - Fabricação de outros artefatos têxteis	3	3%			2	1			370	1.256	1.626	6,69%
Sub-total	93	29%	30	32	18	13	253	1.576	3.895	18.584	24.308	53,77%
VESTUÁRIO												
a - Confecção de roupas e agasalhos	230	99%	130	56	37	7	927	2.276	7.256	10.413	20.872	99,86%
b - Fabricação de chapéus	0										0	
c - Fabr. acessórios do vestuário	2	1%	2				30				30	0,14%
Sub-total	232	71%	132	56	37	7	957	2.276	7.256	10.413	20.902	46,23%
TOTAL	325	100%	162	88	55	20	1.210	3.852	11.151	28.997	45.210	100,00%

Fonte: Santa Catarina. Federação das Indústrias do Estado de SC-Fiesc, 1999.

Nota 1: Tabela elaborada pela autora com base em dados da Fiesc.

Nota 2: O percentual no sub-total refere-se à participação do setor na indústria.

Quadro 3.5b

Distribuição dos segmentos da indústria têxtil-vestuário - tamanho das empresas e número de empregados da região Norte. SC. 1999

ATIVIDADE EMPRESARIAL	Total empresas	%	TAMANHO DA EMPRESA				Nº DE EMPREGADOS				Total empregados	%
			ML	PQ	ME	GR	ML	PQ	ME	GR		
TÊXTEL												
a - Benef.fibras, fabr.estopa, recup.resíduos	8	19%	4	3	1		43	145	200		388	4,08%
b - Fiação, fiação e tecelagem, e tecelagem	13	30%	5	3	2	3	55	98	580	3.769	4.502	47,39%
c - Malharia e fabricação tecidos elásticos	19	44%	5	8	4	2	42	351	955	2.409	3.757	39,55%
d - Fabr. fitas, filós, rendas e bordados	1	2%	1				12				12	
e -Fabr. tecidos especiais - feltros, felpudos	1	2%				1				800	800	8,42%
f - Acab. de fios/tecidos, não processados	1	2%		1				40			40	0,42%
g - Fabricação de outros artefatos têxteis	0											
Sub-total	43	30%	15	15	7	6	152	634	1.735	6.978	9.499	45,98%
VESTUÁRIO												
a - Confecção de roupas e agasalhos	96	98%	54	23	16	3	385	779	3.777	5.985	10.926	97,89%
b - Fabricação de chapéus	1	1%			1				169		169	1,51%
c - Fabr. acessórios do vestuário	1	1%		1				66			66	0,59%
Sub-total	98	70%	54	24	17	3	385	845	3.946	5.985	11.161	54,02%
TOTAL	141	100%	69	39	24	9	537	1.479	5.681	12.963	20.660	100%

Fonte: Santa Catarina Federação das Indústrias do Estado de SC-Fiesc, 1999.
 Nota 1: Tabela elaborada pela autora com base em dados da Fiesc.
 Nota 2: O percentual no sub-total refere-se à participação do setor na indústria.

Quadro 3.5c

Distribuição dos segmentos da indústria têxtil-vestuário - tamanho das empresas e número de empregados da região Sul. SC. 1999

ATIVIDADE EMPRESARIAL	Total empresas	%	TAMANHO DA EMPRESA				Nº DE EMPREGADOS				Total empregados	%
			ML.	PQ.	ME.	GR.	ML.	PQ.	ME.	GR.		
TÊXTEL												
a - Benef.fibras, fabr.estopa, recup.resíduos	1	20%	1									
b - Fiação, fiação e tecelagem, e tecelagem	1	20%	1				3				3	7,32%
c - Malharia e fabricação tecidos elásticos	1	20%		1				25			25	60,98%
d - Fabr. fitas, filós, rendas e bordados	2	40%	2				13				13	31,71%
e -Fabr. tecidos especiais - feltros, felpudos												
f - Acab. de fios/tecidos, não processados												
g - Fabricação de outros artefatos têxteis												
Sub-total	5	5%	4	1			16	25			41	0,96%
VESTUÁRIO												
a - Confecção de roupas e agasalhos	91	98%	48	31	11	1	320	1.268	1.912	700	4.200	99,06%
b - Fabricação de chapéus												
c - Fabr. acessórios do vestuário	2	2%	1	1			10	30			40	0,94%
Sub-total	93	95%	49	32	11	1	330	1.298	1.912	700	4.240	99,04%
TOTAL	98	100%	53	33	11	1	346	1.323	1.912	700	4.281	100,00%

Fonte: Santa Catarina.Federação das Indústrias do Estado de SC-Fiesc, 1999.

Nota 1: Tabela elaborada pela autora com base em dados da Fiesc.

Nota 2: O percentual no sub-total refere-se à participação do setor na indústria.

Quadro 3.5d

Distribuição dos segmentos da indústria têxtil-vestuário - tamanho das empresas e número de empregados da região Oeste. SC. 1999

ATIVIDADE EMPRESARIAL	Total empresas	%	TAMANHO DA EMPRESA				Nº DE EMPREGADOS				Total empregados	%
			ML	PQ	ME	GR	ML	PQ	ME	GR		
TÊXTIL												
a - Benef. fibras, fabr. estopa, recup. resíduos												
b - Fiação, fiação e tecelagem, e tecelagem	1	25%			1				162		162	94,19%
c - Malharia e fabricação tecidos elásticos	3	75%	3				10				10	5,81%
d - Fabr. fitas, filós, rendas e bordados												
e - Fabr. tecidos especiais - feltros, felpudos												
f - Acab. de fios/tecidos, não processados												
g - Fabricação de outros artefatos têxteis												
Sub-total	4	6%	3		1		10		162		172	12,92%
VESTUÁRIO												
a - Confeção de roupas e agasalhos	56	93%	39	15	2		210	569	349		1.128	97,33%
b - Fabricação de chapéus	2	3%	2				19				19	1,64%
c - Fabr. acessórios do vestuário	2	3%	2				12				12	1,04%
Sub-total	60	94%	43	15	2		241	569	349		1.159	87,08%
TOTAL	64	100%	46	15	3	0	251	569	511	0	1.331	100,00%

Fonte: Santa Catarina. Federação das Indústrias do Estado de SC-Fiesc, 1999.

Nota 1: Tabela elaborada pela autora com base em dados da Fiesc.

Nota 2: O percentual no sub-total refere-se à participação do setor na indústria.

Quadro 3.5e

Distribuição dos segmentos da indústria têxtil-vestuário - tamanho das empresas e número de empregados da região **Grande Florianópolis**. SC. 1999

ATIVIDADE EMPRESARIAL	Total empresas	%	TAMANHO DA EMPRESA				Nº DE EMPREGADOS				Total empregados	%
			ML	PQ	ME	GR	ML	PQ	ME	GR		
TÊXTEL												
a - Benef.fibras, fabr.estopa, recup.resíduos	3	50%	2	1			13	90			103	17,94%
b - Fiação, fiação e tecelagem, e tecelagem												
c - Malharia e fabricação tecidos elásticos	2	33%	2				3				3	0,52%
d - Fabr. fitas, filós, rendas e bordados	1	17%			1				468		468	81,53%
e -Fabr. tecidos especiais - feltros, felpudos												
f - Acab. de fios/tecidos, não processados												
g - Fabricação de outros artefatos têxteis												
Sub-total	6	11%	4	1	1		16	90	468		574	48,03%
VESTUÁRIO												
a - Confecção de roupas e agasalhos	49	100%	37	12			252	359			611	98,39%
b - Fabricação de chapéus												
c - Fabr. acessórios do vestuário											10	1,61%
Sub-total	49	89%	37	12			252	359			621	51,97%
TOTAL	55	100%	41	13	1	0	268	449	468	0	1.195	100,00%

Fonte: Santa Catarina Federação das Indústrias do Estado de SC-Fiesc, 1999.

Nota1: Tabela elaborada pela autora com base em dados da Fiesc.

Nota2: O percentual no sub-total refere-se à participação do setor na indústria.

Quadro 3.5f

Distribuição dos segmentos da indústria têxtil-vestuário - tamanho das empresas e número de empregados da região Serrana. SC. 1999

ATIVIDADE EMPRESARIAL	Total empresas	%	TAMANHO DA EMPRESA				Nº DE EMPREGADOS				Total empregados	%
			ML	PQ	ME	GR	ML	PQ	ME	GR		
TÊXTEL												
a - Benef.fibras, fabr.estopa, recup.resíduos	0										0	
b - Fiação, fiação e tecelagem, e tecelagem	0										0	
c - Malharia e fabricação tecidos elásticos	0										0	
d - Fabr. fitas, filós, rendas e bordados	0										0	
e -Fabr. tecidos especiais - feltros, felpudos	0										0	
f - Acab. de fios/tecidos, não processados	0										0	
g - Fabricação de outros artefatos têxteis	0										0	
Sub-total	0										0	
VESTUÁRIO												
a - Confeção de roupas e agasalhos	21	95%	19	2			134	73			207	95%
b - Fabricação de chapéus	1	5%	1				10				10	5%
c - Fabr. acessórios do vestuário	22	100%	20	2			144	73			217	100%
Sub-total	22	100%	20	2	0	0	144	73	0	0	217	100%
TOTAL												

Fonte: Santa Catarina Federação das Industrias do Estado de SC-Fiesc, 1999.

Nota 1: Tabela elaborada pela autora com base em dados da Fiesc.

Nota 2: O percentual no sub-total refere-se à participação do setor na industria.

Quadro 3.5.1

Grupos têxteis -segundo localização, segmento e nº de empregados. SC. 1999

Grupo	Localização	Segmento	Nº empregados
Buettner	Brusque	fiação	1.300
	Canelinha	beneficiamento de fibras	90
	Blumenau	confeção de roupas e agasalhos	42
Campeã	Joinville	beneficiamento de fibras	35
	Joinville	fiação e tecelagem	40
	Joinville	confeção de roupas e agasalhos	250
Cremer	Blumenau	fabricação de outros artefatos	1.256
	Blumenau	fabricação de outros artefatos	176
Renaux	Brusque	fiação e tecelagem	900
	Brusque	fiação e tecelagem	230
	Brusque	fiação e tecelagem	742
Teka	Indaial	fabricação de tecidos especiais	1.064
	Blumenau	fiação e tecelagem	6.161
Marisol	Benedito Novo	confeção de roupas e agasalhos	413
	Corupá	confeção de roupas e agasalhos	252
	Schroeder	confeção de roupas e agasalhos	392
	Massaranduba	confeção de roupas e agasalhos	289
	Jaraguá do Sul	confeção de roupas e agasalhos	1.316
Rovitex	Blumenau	confeção de roupas e agasalhos	230
	Ituporanga	confeção de roupas e agasalhos	155
	Luiz Alves	confeção de roupas e agasalhos	350
Twist	Siderópolis	confeção de roupas e agasalhos	30
	Criciúma	confeção de roupas e agasalhos	68
Dalmar	Mafra	confeção de roupas e agasalhos	400
	Jaraguá do Sul	confeção de roupas e agasalhos	939
Dicotone	Blumenau	confeção de roupas e agasalhos	254
	Gaspar	confeção de roupas e agasalhos	103
Dudalina	Presidente Getúlio	confeção de roupas e agasalhos	88
	Luiz Alves	confeção de roupas e agasalhos	179
	Lontras	confeção de roupas e agasalhos	181
	Blumenau	confeção de roupas e agasalhos	800
Malwee	Blumenau	confeção de roupas e agasalhos	300
	Jaraguá do Sul	confeção de roupas e agasalhos	3.730
Sulfábril	Blumenau	confeção de roupas e agasalhos	1.547
	Rio do Sul	confeção de roupas e agasalhos	258
	Ascurra	confeção de roupas e agasalhos	597

Nota: Quadro elaborado pela autora com base em dados da FIESC, 1999.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário da economia catarinense é marcado pela sua distribuição espacial harmônica, onde os diferenciais naturais, econômicos e culturais, fazem com que haja uma participação significativa de todas as regiões.

A gênese da industrialização catarinense está diretamente ligada à colonização alemã, responsáveis pelas primeiras unidades produtivas do setor têxtil, se configurando em um dos setores mais tradicionais da estrutura industrial. É parte importante na formação de um complexo que associa segmentos de outras indústrias, não a eximindo de uma relação de dependência de seus fornecedores e consumidores, pois as inovações tecnológicas vêm incorporadas nos bens de capital e nas matérias-primas utilizadas. É também uma indústria marcada pela descontinuidade dos processos produtivos, tornando-a intensiva em mão-de-obra em algumas etapas e intensivas em capital em outras.

O setor de vestuário se desenvolveu a partir dos anos 70 em Santa Catarina, e hoje se configura no principal consumidor isolado de produtos têxteis, com a presença de um grande número de empresas, atuando principalmente nos segmentos de roupas de malha. O segmento de cama, mesa e banho é bastante concentrado, apresenta um número relativo de poucas empresas com grande número de trabalhadores.

A expansão da indústria-têxtil não ocorreu de forma linear, experimentou ciclos de crescimento e retração. O início dos anos 90 é marcado por uma forte redução no número de estabelecimentos têxteis e do vestuário. Entre as estratégias defensivas da indústria, como redução de custos, repasse dos custos financeiros para os preços, houve também o enxugamento no quadro de pessoal que para o setor têxtil representou uma taxa negativa de 31,82% (tabela 3.2.2).

Embora apresente empresas dos mais variados portes, em 1991 o setor têxtil era composto por 86,35% de microempresas e absorvia apenas 1,56% da mão-de-obra empregada pelo setor (neste período era considerado micro até 10 empregados). O mesmo perfil se verifica na indústria de transformação, onde 92,42% das empresas eram deste porte e absorviam 8,15% da mão-de-obra. A partir de 1993, esta classificação quanto ao porte da empresa é alterada, passando para micro, empresas que possuíam até 19 empregados, mas tal fato não conseguiu alterar a estrutura que praticamente se repetiu.

Na amostra, o segmento mais significativo do setor têxtil, em termos de quantidade de empresas e empregados, é o de fiação e tecelagem, com 34% das empresas e 52% da mão-de-obra. É também o segmento que apresenta o maior número de grandes empresas (16%), concentrando 82% da mão-de-obra (quadro 3.4).

O segmento de malharia apresenta-se com 32% das empresas e 19% dos empregados do setor. Embora seja composto por 45% de microempresas, empregam apenas 2% da mão-de-obra, enquanto que 69% dos trabalhadores estão nas empresas de grande porte (10%).

O segmento de fabricação de tecidos também é intensivo em mão-de-obra, embora seja relativamente baixo o número de empresas participantes (5% do setor), concentram 14% da mão-de-obra empregada. As empresas de grande porte absorvem 87% dos empregados no segmento.

O segmento de outros artefatos apresenta-se com 2% das empresas e 5% de empregados. Nenhuma empresa deste segmento possui menos de 100 empregados.

O segmento de beneficiamento das fibras é composto principalmente por empresas de micro e pequenos portes, no entanto mais da metade da mão-de-obra encontra-se nas empresas de médio porte. Participa com 18% das empresas e 5% dos empregados no setor têxtil.

O segmento da acabamento participa com 3% das empresas e mão-de-obra e o de fabricação de rendas e bordados, com 6% e 2%, respectivamente.

No setor do vestuário, embora estejam integrados os segmentos de fabricação de chapéus e de acessórios do vestuário, 98% das empresas trabalham na confecção de roupas e agasalhos e empregam 99% da mão-de-obra. Apresenta-se com grande número de microempresas (60%), mas a concentração da mão-de-obra é bem acentuada nas grandes empresas (2%), empregando 45% dos trabalhadores.

Em termos de distribuição regional, a amostra possibilitou a reafirmação da região do Vale do Itajaí, enquanto núcleo do complexo têxtil catarinense, com 62% das empresas e 70,3% da mão-de-obra empregada no setor têxtil e; 42% e 54,6% para o setor do vestuário, respectivamente. Apenas o segmento de fabricação de chapéus não aparece nesta região, enquanto sua participação é bem acentuada em outros (quadro 3.5a).

Em seguida, posiciona-se a região Norte, com 28% das empresas e 27,5% dos empregados do setor têxtil e; 18% e 29,1% para o vestuário (quadro 3.4). Nesta região apenas o segmento de fabricação de outros artefatos têxteis não apresentou nenhuma empresa (quadro 3.5b).

A região Sul embora apresente algumas empresas do setor têxtil (beneficiamento de fibras, fiação, malharia e fabricação de rendas) são empresas extremamente pequenas, o segmento de beneficiamento não tem nenhum empregado cadastrado (quadro 3.5c). A participação é mais expressiva no vestuário, apresenta uma empresa importante no segmento de *jeans* (700 empregados).

A região Oeste, embora não traga em suas raízes a cultura têxtil apresenta empresas que atuam no segmento de fiação, tecelagem, malharia e no setor do vestuário apresenta empresas nos segmentos de confecção de roupas e agasalhos, fabricação de chapéus e acessórios do vestuário (quadro 3.5d).

A região da Grande Florianópolis apresenta empresas nos segmentos de fibras, malharia, fabricação de rendas e bordados e também de confecção de roupas e agasalhos (quadro 3.5e).

É restrito o desenvolvimento das atividades têxteis na região Serrana, nenhuma empresa do setor têxtil foi verificada e o vestuário apresenta poucas empresas de confecção e acessórios do vestuário (quadro 3.5f).

A indústria têxtil-vestuário catarinense apresenta empresas importantes em toda sua segmentação. Embora seja significativo o número de empresas de micro e pequenos portes dispersas em todas as regiões catarinenses, as principais empresas estão localizadas no Vale do Itajaí, reafirmando a posição desta região como núcleo da indústria têxtil catarinense.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSSLE, Ondina Pereira. História da Industrialização Catarinense (das origens à integração no desenvolvimento brasileiro), FIESC, 1998.
- CAMPOS, Renato R.; NICOLAU José A. & CÁRIO, Sílvio A .F. Arranjo Produtivo Têxtil Vestuário do Vale do Itajaí. Florianópolis: UFSC, 2000.
- CUNHA, Idaulo José. Evolução econômico-industrial de Santa Catarina. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. 169 p.
- ESPÍNDOLA, Célio. Análises Setoriais e Estudos de Caso – Setor Têxtil. Florianópolis: UFSC, 1999.
- GARCIA, Odair Lopes. Avaliação da competitividade da indústria têxtil brasileira. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998. 213 p. Tese (Doutorado em Economia).
- GARCIA, Renato de Castro. Aglomerações setoriais ou distritos industriais: um estudo das indústrias têxtil e de calçados. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1996. 76 p. Dissertação (Mestrado em Economia).
- GORINI, Ana Paula Fontenelle. Tecelagem e Malharia. 1998. Endereço eletrônico: <http://www.bndes.gov.br> .
- NAKANO, Yoshiaki. Globalização, competitividade e novas regras de comércio mundial. Revista de Economia Política, vol. 14, nº 4 (56), 1994. p 7-30.
- OLIVEIRA, Maria Helena. Principais Matérias-Primas Utilizadas na Indústria Têxtil. 1997. Endereço eletrônico: <http://www.bndes.gov.br/Publicações/Pesquisa> Complexo Têxtil
- SABOIA, João. Aglomerações Industriais Especializadas no Brasil. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

SANTA CATARINA. Instituto Euvaldo Lodi – IEL. Competitividade Sistêmica da Indústria Catarinense. Florianópolis: IEL/FIESC, 1997. _____. Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. Santa Catarina em dados. Florianópolis: 1993, 1994, 1996, 1998.

SCHMITZ, Hubert. Eficiência coletiva: caminho de crescimento para a indústria de pequeno porte. Ensaio FEE, Porto Alegre, v.18, n.2, 1997. p. 164-200.

SOUZA, Maria Carolina A . F. de; MAZZALI, Leonel & BACIC, Miguel Juan. Relações de cooperação com as grandes empresas: oportunidades e limites para o desenvolvimento de pequenas e médias empresas – reflexões para o caso do Brasil. Ensaio FEE. v.18, n.2, 1997. p. 201-234.

_____. A especialização flexível e as pequenas e médias empresas (PMEs): Algumas notas sobre a visão de Piore e Sabel. Ensaio FEE, Porto Alegre, (13) 1:316-340, 1992.

DIVISÃO REGIONAL E MICRORREGIONAL DE SANTA CATARINA

01 - OESTE

001 - São Miguel d'Oeste

002 - Chapecó

003 - Xanxerê

004 - Joaçaba

005 - Concórdia

02 - NORTE

006 - Canoinhas

007 - São Bento do Sul

008 - Joinville

03 - SERRANA

009 - Curitibanos

010 - Campos de Lages

04 - VALE DO ITAJAÍ

011 - Rio do Sul

012 - Blumenau

013 - Itajaí

014 - Ituporanga

05 - GRANDE FLORIANÓPOLIS

015 - Tijucas

016 - Florianópolis

017 - Tabuleiro

06 - SUL

018 - Tubarão

019 - Criciúma

020 - Araranguá

ANEXO 2**Classificação adotada pela FIESC com base no CÓDIGO NACIONAL DE ATIVIDADE ECONÔMICA do IBGE****24 - Têxtil**

- 10 Beneficiamento de fibras têxteis vegetais, artificiais e sintéticas, e de matérias têxteis de origem animal, fabricação de estopa, de materiais para estofos, e recuperação de resíduos têxteis
- 20 Fiação, fiação e tecelagem, e tecelagem
- 30 Malharia e fabricação de tecidos elásticos
- 40 Fabricação de artigos de passamaria, fitas, filós, rendas e bordados
- 50 Fabricação de tecidos especiais – feltros, tecidos de crina, tecidos felpudos, impermeáveis e de acabamento especiais
- 60 Acabamento de fios e tecidos, não processados em fiações e tecelagens
- 99 Fabricação de outros artefatos têxteis produzidos nas fiações e tecelagens, não especificados ou não classificados

25 – Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos

- 10 Confecção de roupas e agasalhos
- 20 Fabricação de chapéus
- 30 Fabricação de calçados
- 40 Fabricação de acessórios do vestuário – guarda-chuvas, lenços, gravatas, cintos, bolsas
- 99 Confecção de outros artefatos de tecido não especificados – exclusive os produzidos nas fiações e tecelagens (24.99)

ANEXO 3

CÓDIGO NACIONAL DE ATIVIDADE ECONÔMICA CNAE – IBGE

Divisão	Grupo	Classe	Denominação
17			FABRICAÇÃO DE PRODUTOS TÊXTEIS
	17.1		Beneficiamento de fibras têxteis naturais
		17.11-6	Beneficiamento de algodão
		17.19-1	Beneficiamento de outras fibras têxteis naturais
	17.2		Fiação
		17.21-3	Fiação de algodão
		17.22-1	Fiação de outras fibras têxteis naturais
		17.23-0	Fiação de fibras artificiais ou sintéticas
		17.24-8	Fabricação de linhas e fios para coser e bordar
	17.3		Tecelagem – inclusive fiação e tecelagem
		17.31-0	Tecelagem de algodão
		17.32-9	Tecelagem de fios de fibras têxteis naturais
		17.33-7	Tecelagem fios e filamentos contínuos artificiais ou sintéticos
	17.4		Fabricação de artefatos têxteis, incluindo tecelagem
		17.41-8	Fabricação de artigos de tecido de uso doméstico, incluindo tecelagem
		17.49-3	Fabricação de outros artefatos têxteis, incluindo tecelagem
	17.5		Serviços de acabamento em fios, tecidos e artigos têxteis
		17.50-7	Serviços de acabamento em fios, tecidos e artigos têxteis produzidos por terceiros
	17.6		Fabricação de artefatos têxteis a partir de tecidos – exclusive vestuário – e de outros artigos têxteis
		17.61-2	Fabricação artefatos têxteis a partir de tecidos
		17.62-0	Fabricação de artefatos de tapeçaria
		17.63-9	Fabricação de artefatos de cordoaria
		17.64-7	Fabricação de tecidos especiais - inclusive artefatos
		17.69-8	Fab. outros artigos têxteis - exclusive vestuário
	17.7		Fabricação de tecidos e artigos de malha
		17.71-0	Fabricação de tecidos de malha
		17.72-8	Fabricação de meias
		17.79-5	Fabricação de outros artigos do vestuário produzidos em malharias (tricotagens)
18			CONFECÇÃO DE ARTIGOS DO VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS
	18.1		Confecção de artigos do vestuário
		18.11-2	Confecção de peças interiores do vestuário
		18.12-0	Confecção de outras peças do vestuário
		18.13-9	Confecção de roupas profissionais
	18.2		Fabricação de acessórios do vestuário e de segurança profissional
		18.21-0	Fabricação de acessórios do vestuário
		18.22-8	Fab. acessórios para segurança industrial e pessoal